



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA –
CAMPUS I
CURSO DE BACHARELADO EM URBANISMO**

GABRIEL ROGEL OLIVEIRA

**AS MARCAS HISTÓRICAS DOS IMIGRANTES GALEGOS NA
CIDADE DO SALVADOR: O CASO DO HOSPITAL ESPANHOL E
A ASSOCIAÇÃO CULTURAL HISPANO-GALEGA CABALLEROS
DE SANTIAGO.**

Salvador

2011

GABRIEL ROGEL OLIVEIRA

**AS MARCAS HISTÓRICAS DOS IMIGRANTES GALEGOS NA
CIDADE DO SALVADOR: O CASO DO HOSPITAL ESPANHOL E
A ASSOCIAÇÃO CULTURAL HISPANO-GALEGA CABALLEROS
DE SANTIAGO.**

**Monografia apresentada ao Departamento
de Ciências Exatas e da Terra da
Universidade do Estado da Bahia para
obtenção do título de Bacharel em
Urbanismo.**

Orientador: Prof. Dr. Charles D'Almeida Santana

Salvador

2011

GABRIEL ROGEL OLIVEIRA

AS MARCAS HISTÓRICAS DOS IMIGRANTES GALEGOS NA
CIDADE DO SALVADOR: O CASO DO HOSPITAL ESPANHOL E A
ASSOCIAÇÃO CULTURAL HISPANO-GALEGA CABALLEROS DE
SANTIAGO.

**Monografia apresentada ao Departamento
de Ciências Exatas e da Terra da
Universidade do Estado da Bahia para
obtenção do título de Bacharel em
Urbanismo.**

Orientador: Prof. Dr. Charles D'Almeida Santana

Salvador, 26 de setembro de 2011

Banca Examinadora:

Prof. Charles D'Almeida Santana – Universidade do Estado da Bahia

Prof. André Luís Cardoso Santos – Universidade do Estado da

Bahia Prof. Sergio Armando Guerra – Universidade do Estado da

Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Maria Ernestina Freire de Carvalho Rogel, pelo amor, ensinamentos, preocupações e paciência, ao meu pai, Marcondes Queiroz Oliveira, pelos ensinamentos de vida. Aos meus irmãos Rafael, Danilo e Pedro, por todo apoio. As minhas tias Telma e Zélia, por fazerem parte do meu crescimento e meus avós Dudu e Eulina, por representarem exemplos de vida que sempre seguirei.

Aos meus primos e amigos, Gustavo, Diego, Talita, Paulo, Beto, Diegão, Tata, Santiago, Luciara, Shangai, João, Guga, Vitor e tantos outros que considero.

Ao professor Charles Santana, ótimo orientador, pela paciência, empenho, consideração e pelo conhecimento passado. Aos demais integrantes da minha banca examinadora, pela disponibilidade e atenção.

À Edmilson e Bruna, que muito contribuem na vida acadêmica de tantos alunos do curso de Urbanismo. Aos demais professores do curso pelos conhecimentos transmitidos ao longo desta etapa.

Aos meus colegas da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente (SEDHAM): Ana Lúcia Aragão, Sérgio, Didi, Verônica, Claudia, Luciana, Tonhão, Dílson, Coelho, Renato, Fred, Manu, Leo e tantos outros.

Aos funcionários da Associação Cultural Caballeros de Santiago, por estarem sempre dispostos a ajudar. A dona Lindaura, pela grande ajuda com livros e materiais da pesquisa e a dona Alaíde, do Hospital Espanhol, pela confiança e empréstimo de material importante.

“Existem nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio...”

Fiódor Dostoiévski

RESUMO

Nesse trabalho, a comunidade galega de Salvador vai ser estudada com o objetivo de entender a importante influência do grupo na transformação dos espaços urbanos da cidade, analisando a trajetória de luta, trabalho e dificuldades, bem como as motivações que levaram os imigrantes a construção dos dois equipamentos urbanos estudados, o Hospital Espanhol e a Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago. As instituições alvos do estudo foram escolhidas por representarem a intenção do grupo de galegos de deixar não só uma “marca” para cidade, mas também, por mostrarem a intenção desse povo em diversos momentos de sua história em Salvador. Este trabalho justifica-se, primeiramente, pela necessidade de uma busca das origens multiculturais da cidade, justifica-se também, por mostrar uma parte importante da história de Salvador, que deve ser divulgada e lembrada. No primeiro capítulo é desenvolvido um breve histórico sobre a imigração galega. Partindo das situações que acabaram por desencadear esse fluxo migratório para a cidade de Salvador. É abordado também as primeiras impressões dos imigrantes e o processo de integração do grupo a cidade de Salvador. No segundo capítulo é abordado a criação do Hospital Espanhol, as razões que motivaram sua criação e a importância do mesmo no processo de integração do grupo. O terceiro capítulo aborda a criação da Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago. Disserta também sobre o momento de sua criação, nos anos 1960, quando a Espanha começa a se tornar atrativa para os brasileiros e começa a haver um fluxo migratório reverso, onde os brasileiros passam a se interessar em ir para a Espanha.

Palavras-chave: Imigração; Galegos; Salvador; Hospital Espanhol; Associação Cultural Caballeros de Santiago.

ABSTRACT

In this work, the community of Galicia in Salvador will be studied in order to understand the important influence of immigrants in the transformation of urban spaces in the city, examining the struggle, work and difficulties of the group as well as the motivations that led the immigrants to build the two urban equipments that are under study, the Hospital Espanhol and Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago. The institutions targeted in the study were chosen because they represent the intention of the group of Galician, not only to leave a "mark" on the city, but also for showing the intention of the Galician people at various times in its history in Salvador. This work is justified, first, for the need for a search of the multicultural origins of the city, is also justified by showing an important part of the story of Salvador, which should be disseminated and remembered. In the first chapter is developed a brief history of the immigration . Starting from the situations that eventually trigger the migration to the city of Salvador. It also addressed the first impressions of the Galician immigrants and the integration process of the group in the city of Salvador. The second chapter discussed the creation of the Hospital Espanhol ,the reasons for its creation and the importance of it in the process of integration of the group. The third chapter discusses the creation of Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago. Disserts also about the time of its creation in the 1960s, when Spain began to become attractive for Brazilians and begins to exist a reverse emigration process, where Brazilians become interested in going to Spain.

Key-words: Immigration; Galician; Salvador; Hospital Espanhol; Associação Cultural Caballeros de Santiago.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.0 – Número de imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador registrados pelo Consulado Espanhol (1861 - 1919).	
18	
Tabela 1.1 - Número de imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador registrados pela Capitania dos Portos (1883 – 1950).	19
Tabela 1.2 – Conflito dos números apresentados pelo Consulado Espanhol / Capitania dos Portos (1883 – 1919).	
20	

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.0 - Gráfico do número de imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador registrados pela Capitania dos Portos entre 1926 e 1945	
21	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.0 - Comércio de imigrante galego (Secos e Molhados)	26
Figura 1.1 - Comércio de imigrante galego (Secos e Molhados)	26
Figura 2.1 - Frente de uma carteira de sócio remido de 1949	39
Figura 2. 2 - Parte interna de uma carteira de sócio remido de 1949	39
Figura 3.1 - Paróquia Nossa Senhora da Luz na década de 1960	47
Figura 3. 2 - Foto do padre Samuel Martínez de preto e ao fundo a Paróquia Nossa Senhora da Luz, década de 1960	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMIGRAÇÃO GALEGA	13
1.1. A imigração de galegos para a cidade de Salvador	14
1.2. Trabalho e primeiras impressões dos imigrantes galegos em Salvador	22
1.3. O processo de integração do grupo de imigrantes galegos na cidade de Salvador	27
1.3.1 O sonho de voltar para casa	27
1.3.2 O isolamento e a criação de associações por parte dos imigrantes galegos na cidade de Salvador	28
2. O HOSPITAL ESPANHOL	31
2.1. Breve histórico do Hospital Espanhol	31
2.2. Razões que motivaram a criação do Hospital Espanhol	37
2.3. Processo de integração dos imigrantes galegos a sociedade baiana promovido pelo Hospital Espanhol	40
3. A ASSOCIAÇÃO CULTURAL HISPANO-GALEGA CABALLEROS DE SANTIAGO	44
3.1. Situação econômica de Salvador que possibilitou a formação da Associação Cultural Caballeros de Santiago	50
3.2. O processo de inversão do fluxo migratório e o papel da Associação Cultural Caballeros de Santiago	54
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido pela particularidade de seu povo, uma mistura de diversas raças e culturas que transformaram o país no que é hoje: multicultural e diverso. Nesse contexto, um grupo chama a atenção, são os imigrantes galegos, europeus de pele clara que encontram no Brasil um país de oportunidades e muito trabalho. Esse imigrante, que difere na cor da maioria dos brasileiros, se assemelha com os nacionais em tantos outros aspectos, como o valor ao trabalho e a fé. Acaba assim, se integrando e fazendo parte da sociedade. Como Gilberto Freyre (1992, p.02) apontava: “Todo brasileiro, mesmo o alvo de cabelo louro traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro”.

Dentro da história do Brasil devemos lembrar da primeira capital do país, Salvador, berço cultural dessa miscigenação, e que hoje, comprova essa particularidade histórica no dia-a-dia, não só pela população das mais diversas cores e gêneros, mas, por detalhes como o sincretismo religioso, os diversos estilos musicais e as comemorações diversas.

Nesse trabalho, a comunidade galega de Salvador vai ser estudada com o objetivo de entendermos a importante influência do grupo na transformação dos espaços urbanos da cidade, seja ela em aspectos estruturais como culturais, focando em duas instituições criadas por imigrantes galegos, o Hospital Espanhol e a Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago. Ambas representam em suas respectivas funções sociais, referências para a cidade de Salvador.

Entender a trajetória de luta, trabalho e dificuldades do grupo de imigrantes galegos é tão importante como reconhecer as marcas deixadas por eles, para que possamos valorizar cada vez mais pessoas que fizeram parte da história da cidade.

Os objetivos específicos são analisar as motivações que levaram os imigrantes a construção desses dois equipamentos na cidade de Salvador, bem como entender a função social que desempenham, buscando sempre uma visão não só factual, mas das pessoas que se envolveram nessa jornada. Para tanto, utilizamos como fontes de pesquisa livros sobre o tema, documentos e revistas divulgadas por ambas as instituições, entrevistas já realizadas por

outros pesquisadores e conversas casuais com imigrantes galegos, que ao falarem de suas vidas, iam confirmando diversos fatos comuns entre o grupo, já escritos nos livros. A forte relação do grupo com a igreja e o desejo de contar suas histórias de luta, foi fundamental para ter tido a oportunidade de ouvir alguns imigrantes.

As instituições alvos do estudo foram escolhidas por representarem a intenção do grupo de galegos de deixar não só uma “marca” para cidade, mas também por mostrarem a intenção do povo galego em diversos momentos de sua história em Salvador.

Este trabalho justifica-se, primeiramente, pela necessidade de uma busca das origens multiculturais da cidade, justifica-se também, por mostrar uma parte importante da história de Salvador, que deve ser divulgada e lembrada. A história dos imigrantes galegos - como agentes da cidade - se relaciona com a situação econômica da cidade e seu crescimento, e o entendimento disso é fundamental para compreender o surgimento dos equipamentos urbanos estudados: o Hospital Espanhol e a Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago.

Uma das motivações para o trabalho é buscar mais espaço dentro do curso de Urbanismo da Universidade Estadual da Bahia para trabalhos de conclusão de curso voltados para o entendimento de Salvador através de sua história e das histórias de vida das pessoas que fizeram e fazem da cidade o que ela é hoje.

Compreender o porquê da existência desses equipamentos urbanos e saber como foram formados, torna esse trabalho relevante, na medida em que mostra um lado particular e pouco estudado da história de Salvador.

No primeiro capítulo é desenvolvido um breve histórico sobre a imigração galega. Partindo das situações que acabaram por desencadear esse fluxo migratório para a cidade de Salvador. É abordado também as primeiras impressões dos imigrantes e o processo de integração do grupo a cidade de Salvador.

No segundo capítulo é abordado a criação do Hospital Espanhol, as razões que motivaram sua criação e a importância do mesmo no processo de integração do grupo.

O terceiro capítulo aborda a criação da Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago, o começo no bairro da Pituba até sua sede própria no Rio Vermelho. Disserta também sobre o momento de sua criação, nos anos 1960, quando a Espanha começa a se tornar atrativa para os brasileiros e começa a haver um fluxo migratório reverso, onde os brasileiros passam a se interessar em ir para a Espanha.

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A IMIGRAÇÃO GALEGA

Entender a trajetória do grupo de imigrantes galegos é extremamente importante para compreender a razão de existirem tantas marcas históricas deixadas por esses imigrantes na cidade de Salvador. Entretanto não é fácil especificar um começo para o processo de imigração galega e consequentemente influência histórica desse grupo.

Podemos citar, por exemplo, o caso de Caramuru, náufrago de uma embarcação francesa que consegue ser o único sobrevivente dos índios tupinambás ao aportar em Salvador, e que se tornou importante intermediário dos índios com os missionários e demais interessados nas novas terras. Para alguns estudiosos, Caramuru não era português e sim galego, como aponta Brandão (2006, p.17):

As referências à Galícia estão presentes na história da América desde a chegada do navegador genovês Cristóvão Colombo, a serviço da Coroa Espanhola, seja na forma como era chamada a nau Santa Maria, apelidada de A Galega (BRAGA, 1995), ou mesmo através da imigração. No caso específico da cidade do Salvador, teve esta referência início apenas na segunda metade do século XIX, ainda que PÉREZ LEIRA (2002) dê conta que Diogo Alvarez, o Caramuru, tenha nascido na região que outrora fora denominada finisterrae, o que levanta a suspeita de que tenha sido ele o primeiro galego em terras baianas.

Pode-se dizer que o primeiro ciclo de imigração de galegos não se destinou as Américas, mas talvez tenha sido o primeiro passo para a descoberta dela. Esse primeiro ciclo se destinou no Século XVIII para áreas de maior prosperidade econômica da própria Espanha e de Portugal, devido a proximidade de tal deslocamento e maior facilidade para o mesmo (BACELAR, 1994). Assim, esses emigrantes que ainda não tinham ido para as Américas tiveram contato, principalmente em Portugal, com grupos de pessoas bem sucedidas que tinham conseguido fazer fortuna no Brasil e em outras partes do Novo Mundo. Divulgada as chances de prosperidade no Brasil, era dado o primeiro passo para a vinda de imigrantes para o país.

Entretanto, não faria sentido uma emigração tão árdua ao atravessar o Atlântico se não fossem os abusos e explorações sofridos por esses homens na própria terra natal e em Portugal, e foram esses abusos e exploração sofridos por galegos que os levaram para o Brasil (BRAGA, 1995).

No primeiro grande ciclo o direcionamento foi para as cidades de Castela e Andaluzia, em seguida Lisboa, Porto e Madrid. Mas quais são os motivos desse primeiro ciclo de emigração? É importante entender que a Galícia no século XVII tinha um crescimento populacional equilibrado pelo grande número de nascimentos, e por altos índices de mortalidade, como no século XVIII foram implantadas diversas iniciativas no campo da saúde, a mortalidade foi diminuindo e houve um alto crescimento demográfico, causando expulsão desse contingente através da migração. Contudo, não foi só isso, todo o contexto econômico da Galícia na época não ajudava para manutenção de tantas pessoas, já que a região vivia em estado de “semifeudalismo”. Todo esse conjunto de problemas levou ao fluxo migratório dessa população sonhadora (BRAGA, 1995).

1.1. A IMIGRAÇÃO DE GALEGOS PARA A CIDADE DE SALVADOR

É importante entender alguns momentos da história que interferiram para a vinda de imigrantes ao Brasil. Pode-se dizer que o começo para todo esse processo de emigração surgiu com a abertura dos portos do Brasil, em 1808, e que desde então possa ter existido emigração da Espanha para o Brasil (BRAGA, 1995). Porém, só em 1883 são registrados os primeiros 3 galegos a desembarcar em Salvador. Foram eles realmente os primeiros? Os registros apontam que sim, mas é sabido que antes de 1883 já haviam imigrantes galegos em Salvador, inclusive desempenhando atividades que se tornariam características para os primeiros grupos de imigrantes, o comércio de gêneros alimentícios, conhecidos como secos e molhados. O exemplo abordado por Braga (1995, p.112) é do Frei Francisco das Chagas:

Foi o caso, por exemplo, de um galego de 20 anos, procedente da Coruña, que chegou a Salvador em 1801. Estabeleceu-se no Terreiro de Jesus como comerciante de ‘secos e

molhados'. O seu estabelecimento comercial parecia mais uma Casa de Caridade, pois distribuía mercadoria para todos que precisavam, além de vender fiado. O resultado foi a falência. Um outro comerciante resgatou as suas dívidas e o galego entrou no Convento de São Francisco. Em 1811, recebeu o nome de Frei Francisco das Chagas.

Como o grupo de imigrantes galegos tinham a característica de chegarem sozinhos e ao longo do tempo e do andamento dos negócios trazerem parentes, filhos de amigos e galegos em geral para ajudarem nos negócios, significava que a vinda de um indivíduo certamente refletiria na vinda de outros. Mas, não só para ajudarem nos negócios, pois muitos deles traziam as esposas e filhos, quando os tinha na Galícia. Outro exemplo anterior a 1883 é o caso da loja A Primavera, fundada em 1876 e que já começava a trazer outros trabalhadores da Galícia, no que Braga (1995, p.112) chama de intercâmbio:

Entre outras, duas casas comerciais tiveram um papel de destaque nesse intercâmbio: 'A Primavera' e a 'Flor dos Veteranos', ambas de galegos procedentes de Anceu, em Pontevedra. 'A Primavera' começou como Casa de Penhores e foi fundada em 1876, enquanto que a 'Flor dos Veteranos' negociava na área dos gêneros alimentícios e também penhorava objetos.

Outro fato interessante são os registros das firmas apresentados por Bacelar (1994) no livro: *Galegos no Paraíso Racial*. De posse dos livros de contratos e distratos da Junta Comercial do Estado da Bahia, ele encontra já em 1882 uma firma registrada por um galego. Entre 1882 e 1899 são 25 firmas registradas, em sua maioria comércio de secos e molhados, como Bacelar (1994, p.51) constata: "Portanto, consagra-se já nesse período uma característica que iria se manter no século XX, ou seja, a maioria das casas são armazéns de secos e molhados, padarias, tavernas e pastelarias."

Antes de 1883, mais especificamente em 1853, é criado um Decreto Real Espanhol que torna legal a emigração no país, ou seja, as pessoas são autorizadas a saírem da Espanha e irem para outros países como o Brasil. Isso põe em pauta mais uma vez a questão de quem foram realmente os primeiros

galegos a desembarcarem em Salvador, já que desde 1853 havia possibilidade legal de tal emigração ocorrer. Outro passo é dado um pouco depois, em 1907, quando é criada uma Lei Espanhola permitindo emigrar (BRANDÃO, 2005).

Os primeiros registros marcam a data de 1883, para a chegada dos três primeiros galegos em Salvador, mas como já vimos, por outros dados, esse ano não representa de fato quando começou a migração galega para a cidade. Antes disso os imigrantes galegos já desempenhavam papel na sociedade e começavam a influenciar no ciclo migratório para Salvador. Entretanto, o grande fluxo vai ser no começo do século XX e depois da Segunda Guerra Mundial.

A Espanha sofreu um triste período de quase 10 anos. A Guerra Civil Espanhola, que estabeleceu o regime franquista do general Francisco Franco, se deu entre os anos de 1936 e 1939, e logo em seguida teve início a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945. Sendo a Guerra Civil Espanhola fator determinante para a saída de milhares de pessoas, não só fugidas, mas expulsas pelas forças do franquismo, que de acordo com Brandão (2005, p.63): “impediam o uso de manifestações culturais galegas, bem como catalãs e bascas”.

A Segunda Guerra Mundial, logo depois da Guerra Civil Espanhola não só acabou com a possibilidade de emigrantes retornarem, mas aumentou a saída através de formas clandestinas por Portugal e Ilhas Canarias (BRAGA, 1995). Mesmo porque, de acordo com Brandão (2005), a Guerra Civil Espanhola foi uma “prévia” para a Segunda Guerra Mundial, já que quem assumiu o poder na Espanha foi o general Francisco Franco, nacionalista e que tinha relações com a Alemanha e Itália (BRAGA, 1995).

É importante ressaltar que em épocas de guerra, os países tendem a ser mais severos com a proibição da emigração. Entretanto muitas pessoas que não tinham nada a perder acabavam por se arriscarem a fazer o possível para sair do país, e foi de extrema coragem a atitude desses que fugiram da guerra.

Tantas restrições a viagens marítimas e aéreas não puderam segurar uma população de emigrantes fartos de guerras. Quando terminada a Segunda Grande Guerra, o número de emigrantes cresceu drasticamente. Os motivos foram basicamente a crise interna na Espanha e o alto índice de desemprego. É importante ressaltar que por ter relações com a Alemanha e a Itália, e não ter

entrado na Segunda Guerra Mundial, a Espanha acabou ficando a margem dos planos de recuperação da Europa (BRAGA, 1995).

No livro “Memórias de Imigrantes Galegos”, de Célia Maria Leal Braga (1995), são apresentadas duas tabelas. A primeira é do consulado Espanhol, que trata dos imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador e registrados pelo consulado nos períodos de 1861 a 1919. A outra tabela é do Arquivo Público do Estado da Bahia e trata da entrada de passageiros espanhóis na Capitania dos Portos entre os anos de 1883 e 1950.

**Número de imigrantes espanhóis segundo data de chegada a
Salvador (1861-1919)**

Data de Chegada	Número	Data de Chegada	Número	Data de Chegada	Número
1861	1	1886	7	1911	133
1862	1	1887	17	1912	172
1863	0	1888	23	1913	143
1864	0	1889	10	1914	116
1865	0	1890	12	1915	108
1866	0	1891	7	1916	77
1867	1	1892	3	1917	51
1868	0	1893	5	1918	26
1869	2	1894	7	1919	6
1870	7	1895	7		
1871	2	1896	11		
1872	5	1897	14		
1873	10	1898	20		
1874	9	1899	18		
1875	15	1900	33		
1876	31	1901	17		
1877	29	1902	25		
1878	17	1903	28		
1879	38	1904	19		
1880	47	1905	15		
1881	29	1906	30		
1882	19	1907	34		
1883	24	1908	52		
1884	18	1909	60		
1885	14	1910	99		

Fonte: BRAGA, Célia Maria Leal. **Memórias de Imigrantes Galegos**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

Tabela 1.0 – Número de imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador registrados pelo Consulado Espanhol (1861 – 1919).

Entrada de passageiros na Capitania dos Portos – Salvador (1883-1950)

Data de Chegada	Número	Data de Chegada	Número	Data de Chegada	Número
1883	3	1908	230	1933	470
1884	42	1909	266	1934	400
1885	22	1910	349	1935	273
1886	25	1911	349	1936	297
1887	90	1912	465	1937	220
1888	86	1913	481	1938	155
1889	150	1914	308	1939	143
1890	94	1915	374	1940	184
1891	148	1916	329	1941	160
1892	119	1917	182	1942	57
1893	86	1918	202	1943	6
1894	107	1919	324	1944	7
1895	145	1920	399	1945	21
1896	132	1921	394	1946	69
1897	87	1922	380	1947	259
1898	184	1923	409	1948	337
1899	150	1924	427	1949	358
1900	203	1925	483	1950	389
1901	134	1926	479		
1902	193	1927	497		
1903	256	1928	601		
1904	165	1929	547		
1905	230	1930	555		
1906	188	1931	1243		
1907	176	1932	444		

Fonte: BRAGA, Célia Maria Leal. **Memórias de Imigrantes Galegos**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

Tabela 1.1 – Número de imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador registrados pela Capitania dos Portos (1883 – 1950).

Como pode-se observar, os dados são diferentes em todas as datas que compartilham as duas tabelas e geralmente o número da Capitania dos Portos é maior. Nessa tabela sobreposta, podemos ver os diferentes dados (Consulado Espanhol / Capitania dos Portos):

Dados em conflito do Consulado Espanhol e da Capitania dos Portos

Data de Chegada	Número	Data de Chegada	Número	Data de Chegada	Número
1883	24/3	1896	11/132	1909	60/266
1884	18/42	1897	14/87	1910	99/349
1885	14/22	1898	20/184	1911	133/349
1886	7/25	1899	18/150	1912	172/465
1887	17/90	1900	33/203	1913	143/481
1888	23/86	1901	17/134	1914	116/308
1889	10/150	1902	25/193	1915	108/374
1890	12/94	1903	28/256	1916	77/329
1891	7/148	1904	19/165	1917	51/182
1892	3/119	1905	15/230	1918	26/202
1893	5/86	1906	30/188	1919	6/324
1894	7/107	1907	34/176		
1895	7/145	1908	52/230		

Fonte: BRAGA, Célia Maria Leal. **Memórias de Imigrantes Galegos**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

Tabela 1.2 – Conflito dos números apresentados pelo Consulado Espanhol / Capitania dos Portos (1883 – 1919).

Faz sentido pensar que enquanto havia mais controle por parte da Capitania dos Portos aos imigrantes recém-chegados, e que vinham geralmente de navio, o Consulado Espanhol pouco podia fazer para registrar imigrantes que não se interessavam em aparecer para registro na sede. Mesmo muitos daqueles que vinham legalmente, talvez tenham passado despercebidos pelo registro do Consulado Espanhol.

Os dados confundem principalmente no ano de 1883, único ano em que o Consulado Espanhol consegue ter maior número de registros do que a Capitania dos Portos. Enquanto registra a chegada de 24 espanhóis no dado ano pelo Consulado Espanhol, a Capitania dos Portos só faz registro de três. Na verdade, em teoria, os três primeiros galegos registrados em solo soteropolitano. Pode-se supor que talvez os 21 espanhóis registrados tenham chegado em outro ano, anterior a 1883, e só registrados então, mas é impossível dizer se de fato isso ocorreu e definir quais foram os primeiros galegos a chegar.

Os dados podem não ser de grande exatidão, mas nos mostram interessantes confirmações. Como é o caso do já abordado período da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, onde devido a fatores proibitivos gerados pelos conflitos, poucas pessoas conseguiam sair da Espanha, mesmo que ilegalmente. O gráfico produzido com os dados de entradas da Capitania dos Portos nos mostram o declínio da chegada de passageiros espanhóis no período de conflito (1935-45) comparados com 10 anos anteriores:



Fonte: BRAGA, Célia Maria Leal. **Memórias de Imigrantes Galegos**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

Gráfico 1.0 – Gráfico do número de imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador registrados pela Capitania dos Portos entre 1926 e 1945.

A cidade de Salvador recebe então esse “imigrante sonhador”, que quer viver e trabalhar intensamente, mas voltar para a sua aldeia no final de sua jornada. Voltando ou não, o imigrante acaba por contribuir com a construção de Salvador e também ajuda sua terra natal como pode, muitas associações constroem igrejas, casas e escolas nas aldeias galegas. A criação do vínculo histórico começa para não mais ser esquecido.

1.2. TRABALHO E PRIMEIRAS IMPRESSÕES DOS IMIGRANTES GALEGOS EM SALVADOR

Como escrito anteriormente, em geral os imigrantes galegos vinham para cidade de Salvador sozinhos, com pouco dinheiro e com vontade de enriquecer aqui e voltar para a Galícia.

A maioria deles eram campesinos e apesar da situação econômica complicada na Galícia, eram proprietários de pequenas parcelas de terras, com as quais conseguiam dinheiro para viajar para as Américas através de navios, geralmente em classes econômicas. Como esclarece Braga (1995, p.111):

Pode parecer estranho que uma população que vivia na sua quase totalidade no meio rural e que vivia um momento de pobreza muito grande pudesse arcar com as despesas de uma passagem e com aquelas que teria de enfrentar nos primeiros tempos de chegada. É preciso que se esclareça que, mesmo empobrecidos, os camponeses galegos eram pequenos proprietários e puderam vender ou, o que foi mais comum, arrendar ou hipotecar terras.

Os imigrantes geralmente vinham para trabalhar em algum estabelecimento de um galego já instalado na cidade e que seria seu patrão. Algumas vezes o patrão era o que pagava as passagens e o imigrante galego tinha certas obrigações firmadas com ele. Os que chegavam com algum dinheiro já abriam algum negócio simples, geralmente no ramo alimentício, como dito anteriormente, os secos e molhados (ver figura 1.0 e 1.1 na página 26), com a esperança de prosperar no futuro (BACELAR, 1994).

As condições de trabalho eram das piores. Muitos dormiam no balcão, trabalhavam até 16 horas por dia e pouco tempo tinham para o lazer mesmo

nos finais de semana. A família sempre foi muito importante para a cultura galega e o chefe também dava exemplo, trabalhando tanto ou mais que seus empregados.

A humildade sempre foi uma característica desses patrões, que não gostavam de esbanjar dinheiro, sempre com grande simplicidade na maneira de vestir, comprar e viver. Talvez a única exceção seja quando tiravam fotos para mandarem à Galícia, tinham sempre que estar bem vestidos e aparentando boa situação financeira. Os motivos são muitos, da intenção de conquistar status social na Galícia, mesmo sendo terra tão distante, até para atrair novos funcionários e manter o ciclo de renovação e força dos imigrantes galegos na cidade (BRAGA,1995).

A simplicidade era motivada também por uma forte crença no poder destrutivo da inveja alheia, e o constante medo dela (BRAGA,1995). É de se imaginar que os imigrantes tomavam essas atitudes por suas raízes camponesas simples, de valor ao trabalho, família e importância de batalhar para tirar o sustento da terra, nos fazendo lembrar muitos nordestinos, pessoas trabalhadoras e simples, que mesmo quando enriquecem mantem a simplicidade como hábito em seu comportamento.

Uma questão importante a ser tratada, e que vai ser constante ao longo do trabalho, quando tratando do Hospital Espanhol, é a saúde dos trabalhadores. A insalubridade no ambiente de trabalho e moradia, além das horas extensas de trabalho sem descanso causavam serias doenças em muitos trabalhadores, alguns morriam por conta de pneumonia, por exemplo. Essa vida não refletia o sonho de enriquecer nas Américas.

Os jovens trabalhadores sofriam muito com as condições de trabalho, descritas por muitos autores e entrevistados como uma escravidão branca. Porém, contavam com atenção do patrão, já que estavam aos cuidados do dono do estabelecimento. Em busca de melhor cuidar de seus trabalhadores, surge através de união de patrões a Real Sociedade Espanhola de Beneficência, hoje Hospital Espanhol.

Os imigrantes galegos tinham uma característica peculiar a qualquer outro grupo de imigrantes estrangeiros. Eles vinham sozinhos, geralmente com trabalho certo em um estabelecimento de algum patrício há mais tempo em Salvador, porém, muitas vezes, sem ter nem mesmo conhecido o chefe antes

de chegar à cidade. A situação não era nada fácil, sozinho, numa terra desconhecida, depois de longos dias de viagem e sem falar a língua estranha, mesmo que se possam abordar algumas semelhanças entre o português e a língua galega, o imigrante batalhava diariamente contra as adversidades (BRAGA,1995).

O fato de chegarem sozinhos foi determinante para estarem no meio urbano da cidade e ali desempenharem suas atividades. Acontece que os grupos maiores de imigrantes eram quase que sequestrados para as grandes fazendas, como aponta Carlos B. Vainer (1996, p.42):

Enquanto, no exterior, numa Europa às voltas com a crise agrária, nossos consulados distribuíam prospectos anunciando a abundância de terras e as amenidades climáticas do país, mostrava-se no Brasil uma estrutura logística para conduzir os imigrantes ao devido lugar: as fazendas.

O relato mais descritivo, da situação em São Paulo, parte de Prado Júnior (1977) apud Carlos B. Vainer (1996, p.42):

Os imigrantes, que chegavam em grupos numerosos, eram, depois de desembarcados em Santos, imediatamente fechados e trancados nos vagões da companhia de estrada de ferro (...) sob estreita vigilância, transportado para a estação mais próxima daquela fazenda, onde já o aguardava o fazendeiro ou seu preposto para receber e tomar posse de seu novo trabalhador

. Salvador é para esse imigrante algo completamente novo. Seu povo mestiço e negro é novidade para muitos que nunca antes haviam tido contato ou visto pessoas negras, além do clima, língua e cultura diversa. Tudo isso vai ser impactante para esse solitário novo membro da sociedade soteropolitana.

Trabalhando muito e com pouco tempo de lazer, o contato que esse imigrante tem com a população de Salvador é mais no ambiente de trabalho. Muitos nas vendas de gêneros alimentícios, a exemplo de padarias e comércio de secos e molhados. Tinham contato maior com as empregadas que iam para as vendas com a lista de compras das patroas. Se misturar com a população negra e pobre da cidade não era admissível para os membros da colônia

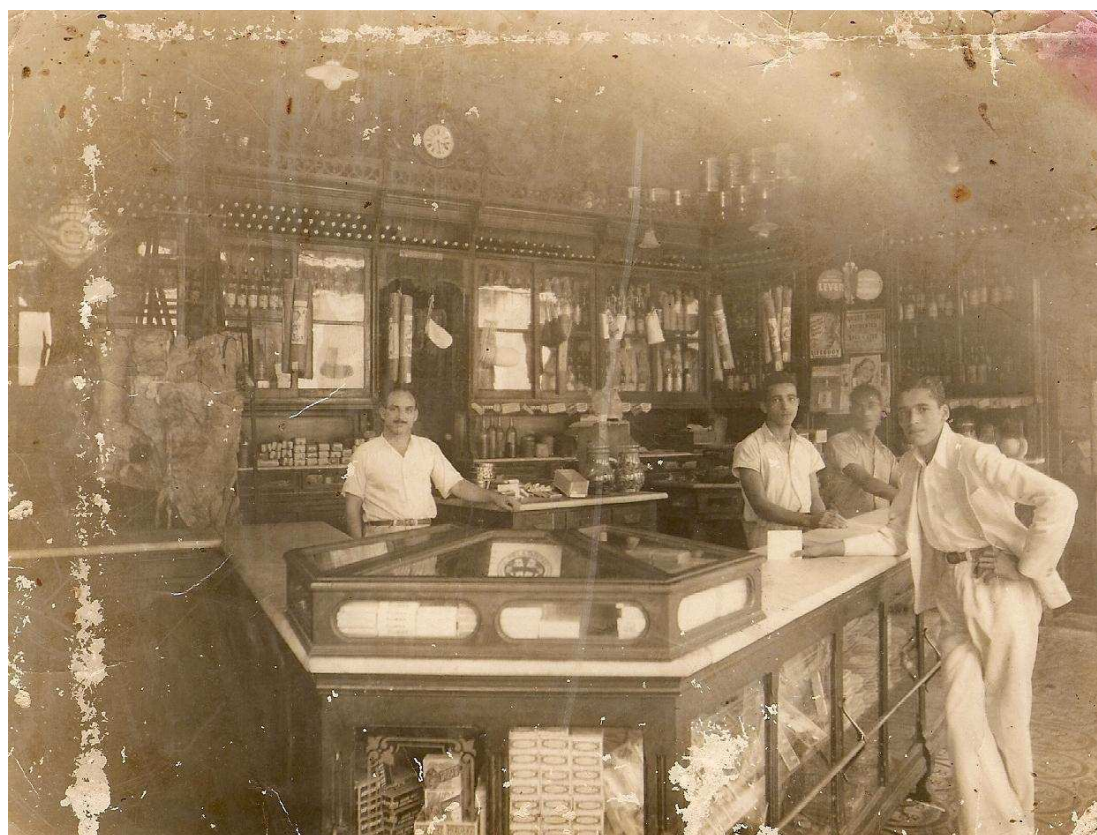
galega. Não em teoria. Na prática, muitos galegos se envolveram com mulheres negras, mas de forma casual, nunca para casar ou assumir algum compromisso sério. E como bem aponta Bacelar (1994, p.90): “vivendo como e entre os pobres, deles se isolavam completamente”.

É importante lembrar que mesmo vindo sozinhos eles acabam por se envolver com a comunidade galega da cidade. Era inevitável. Justamente para resistir as adversidades e se manterem economicamente, a solução é a união do grupo, união essa que é demonstrada desde sua vinda para Salvador, que em muitos casos é patrocinada pelo patrão galego.



Fonte: BACELAR, Jeferson. **Álbum de imigrantes galegos: memória visual da presença galega na Bahia.** Salvador: Livraria Universitária, 1997.

Figura 1.0 – Comércio de imigrante galego (Secos e Molhados).



Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Figura 1.1 - Comércio de imigrante galego (Secos e Molhados).

1.3. O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DO GRUPO DE IMIGRANTES GALEGOS NA CIDADE DE SALVADOR

O imigrante galego é fechado à população soteropolitana, principalmente no começo do processo de imigração, além de ser cheio de preconceitos e com valores rígidos em relação a família e ao trabalho. Entretanto, sofre por suas origens e comportamento. Oriundos do campo e geralmente com pouco estudo são pejorativamente chamados de galegos, como lembra um dos entrevistados de Braga (1995), em Memórias de Imigrantes Galegos, recebem nomes como “espanhol de venda” e “galego de armazém”, sempre com significado pejorativo.

Aos poucos o imigrante galego vai conseguindo firmar-se no comércio e é inegável que o poder econômico crescente ajuda na diminuição desse preconceito por parte dos grupos dominantes.

Uma característica que ajudou em parte no sucesso econômico de alguns dos imigrantes galegos foi que seus estabelecimentos eram espalhados pelos bairros de Salvador, assim como seguiam o crescimento da cidade. Eles iam implantando seus comércios na medida em que a malha urbana ia crescendo. Isso foi possível justamente porque estavam sozinhos e não em grupos, quando aqui chegaram, o que possivelmente geraria uma aglomeração e conseqüente divisão de freguesia (BRAGA, 1995).

Esse comportamento viria mais tarde a ajudar no processo de integração do grupo à sociedade, já que eles não se estabeleceram em um só lugar, mesmo que a princípio o centro antigo tenha sido a grande concentração do grupo, nenhum local da cidade teve a identidade alterada, como ocorreu, por exemplo, com o bairro da Liberdade em São Paulo, tipicamente Japonês.

1.3.1. O SONHO DE VOLTAR PARA A GALÍCIA

Uma importante particularidade a ser esclarecida é da motivação desses imigrantes galegos que em Salvador aportavam. Eles geralmente eram camponeses, humildes e tinham o sonho de enriquecer. A vinda para as Américas tinha como intenção a acumulação de capital nessas promissoras terras para então, ricos, voltarem para a Galícia, sua terra natal. O galego não

sai de sua terra pensando em não mais voltar, abandonando tudo que ali já viveu, ele vinha para um período de tempo incerto, de fato, mas com a intenção de voltar para a Galícia, mesmo porque, muitos parentes e amigos ainda moravam no mesmo lugar. Para muitos a volta para a Galícia nunca ocorreu, ao menos não a volta definitiva, como planejado no começo da jornada, mesmo alguns que conseguiram alcançar o sonho de enriquecer.

A permanência desses imigrantes galegos ocorreu por diversos fatores. Alguns não conseguiram alcançar o sonho de se tornarem ricos, não pretendendo então voltar para a Galícia sem seu sonho, de tantos anos, realizado. Outros conseguiram realizar o sonho de enriquecer, com muito trabalho e suor, mas para voltar para Galícia haveriam de abandonar tudo que construíram, e por isso, muitos visitam a Galícia somente em férias. Existem ainda os que criaram vínculos com Salvador que nunca seriam quebrados, casando-se com brasileiras ou tendo filhos aqui, e como muitos já tinham vindo muito cedo para Salvador, criaram simpatia pela cidade, e pode-se dizer que se tornaram baianos.

Por isso é importante tratar do processo de adaptação desses novos baianos e o que fizeram para entrar no grupo dos soteropolitanos. Entender a forma com a qual, mesmo se integrando à cultura local, não abandonaram e esqueceram suas raízes sólidas e seu amor pela Galícia. Vamos entender porque essas duas instituições, foco do trabalho, desempenharam importante papel para os galegos hoje estarem de forma tão integrada à sociedade.

1.3.2. O ISOLAMENTO E A CRIAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES POR PARTE DOS IMIGRANTES GALEGOS NA CIDADE DE SALVADOR

O galego, vindo sozinho para Salvador, trabalhando em um estabelecimento de outro galego, quase não tinha tempo livre, e o pouco contato que tinha com a população da cidade era com os negros e pobres que compravam fiado nos estabelecimentos ou as empregadas que levavam a lista de compras da patroa. As “misturas” com os mesmos não era concebida. Os galegos assim se isolavam em um grupo fechado, casando-se na Galícia (mesmo quando aqui moravam) e trazendo a mulher e filhos quando podiam.

Os galegos não eram desejados, ocupavam o centro antigo com humildes comércios de alimentos e bebidas mas eram brancos imigrantes pobres que para muitos soteropolitanos deveriam estar ocupando os campos do imenso território brasileiro e não a cidade (BACELAR, 1994). São então vítimas de preconceito pela sociedade, bem como os mesmos tinham os seus. A solução para a integração e para acabar com essa estigmatização é a associação com outros galegos. De acordo com Bacelar (1994, p.178) “Cedo percebem que, sozinhos, individualmente, não têm outra escolha a não ser aceitar a posição econômica subalterna que lhes é atribuída e resignar-se diante da imagem desvalorizada e estigmatizada conferida ao galego.”

Isolados, em um grupo descrito como mantenedores do “etnocentrismo”, na medida em que se fecham ao grupo, se casando só entre eles, mantendo fortes relações com a comunidade galega, criando associações para galegos imigrantes e etc. começam a socializar-se principalmente com os grupos dominantes, à medida que o poder econômico cresce (BACELAR, 1994).

No entanto, esse processo não é premeditado, acontece na medida em que vai crescendo a importância dos comércios galegos e vai crescendo o poder do grupo na economia, fruto de tantos anos de trabalho. Além do mais, novas gerações de imigrantes galegos e seus descendentes vão se envolvendo com os baianos, nas escolas, parques, praças e nos ambientes urbanos em geral. Braga (1995, p.146) observa que:

Como no início da imigração, os que chegaram a Salvador raramente se casavam aqui; também as primeiras gerações foram de galegos, porque as esposas, quase todas, ficavam na Galícia e lá nasciam os filhos. Passado algum tempo, mesmo os que casaram com galegas, tinham, na maioria dos casos, filhos brasileiros, desde que não mais deixavam suas esposas na Galícia, pelo menos com a frequência que faziam antes. Estes filhos frequentavam escolas brasileiras, se formaram aqui e, no curso deste aprendizado, tiveram uma aproximação com a população local, o que os levou a um relacionamento não só efetivo, mas também afetivo e, na maioria dos casos, ao casamento com brasileiros.

Braga (1995) ainda faz uma interessante colocação. Na medida em que os armazéns vão se acabando, sendo tomados pelos supermercados, os

galegos se veem obrigados a desempenharem outras funções e abrirem novos negócios, e vai acabando, bem como os armazéns, a situação de aprisionamento dos galegos dentro dos estabelecimentos de venda de secos e molhados. Os galegos vão se integrando a novas funções e negócios na sociedade baiana, interagindo cada vez mais com a população local.

Não podemos esquecer também o importante papel das associações no processo de integração do grupo. Os imigrantes galegos tinham uma relação de grande paixão pelas aldeias onde nasceram, por isso, formavam associações para comemorar festas locais e também juntar quantias para que fossem construídas escolas, igrejas, casas e etc. nas suas aldeias.

Essas associações são exemplos da cultura galega de criação de tais instrumentos de integração, que no princípio voltava-se para a busca de relações com a sua própria aldeia e os habitantes dela que aqui moravam, mas que aos poucos possibilitou a criação de grandes instrumentos para a integração do grupo a sociedade baiana. Como é o caso da Real Sociedade Espanhola de Beneficência, e, mais tarde, com outra função, a Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago.

2. O HOSPITAL ESPANHOL

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) na Norma Brasileira (NBR) 9284 de Março de 1986, é definido equipamento urbano como sendo: “Todos os bens públicos e privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados.”

No mesmo documento existe ainda a categoria: “3.10 Saúde”. Onde é relacionado: ambulatório, centro de saúde, hospital e posto de saúde, como equipamentos urbanos dessa categoria.

Sendo assim, o Hospital Espanhol é um equipamento urbano de utilidade pública necessário para o atendimento médico na cidade. É importante destacar que Salvador possui quase 3 milhões de habitantes e uma demanda cada vez mais crescente de serviços. Localizado na Avenida Sete de Setembro – Barra, teve no começo de seu funcionamento críticas em relação a sua localização, que acabou, ao longo dos anos, sendo privilegiada devido a expansão da malha urbana na cidade.

O Hospital Espanhol é o segundo hospital particular mais antigo dentre os que ainda funcionam, sendo mais novo apenas que o Hospital Português, que tem uma história de fundação semelhante. Faz parte de um total de 41 hospitais espalhados em Salvador, sendo 12 estaduais, 6 federais, 5 filantrópicos, 1 municipal e 17 particulares, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente (SEDHAM).

2.1. BREVE HISTÓRICO DO HOSPITAL ESPANHOL

O Hospital Espanhol hoje é uma instituição médica reconhecida, um equipamento urbano de extrema importância para Salvador. Conta com uma localização privilegiada, na Avenida Sete de Setembro, e proporciona importante atendimento médico, como a Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), Emergência Geral e Cardiológica, Centro Cirúrgico e outros. A história do Hospital Espanhol, no entanto, é de muita luta, desde sua fundação em 1885.

A realização da construção de uma instituição que visasse cuidados médicos aos imigrantes espanhóis em Salvador começa em 1884, com a realização de quatro reuniões nos meses de novembro e dezembro, e já em primeiro de janeiro de 1885 é fundada a Sociedade Espanhola de Beneficência, com presença de 64 dos 124 associados inscritos como fundadores. Tinha sede no Campo dos Mártires, hoje Campo da Pólvora, e a assistência se dava por atendimento a domicílio (REAL SOCIEDADE ESPANHOLA DE BENEFICÊNCIA, 2000).

Somente em 1897, com o arremate em um leilão do terreno onde hoje se situa o Hospital Espanhol, foi que teve início a construção de 14 quartos para atendimento de internação aos associados necessitados. Os quartos foram construídos no chalé que existia no terreno, depois de adaptações e reformas.

No período entre 1853 e 1900, Brandão (2005), aponta para o crescimento de Salvador e o começo de seu declínio, no fim do século XIX. A cidade portuária de Salvador começa a perder os tempos áureos promovidos pelas riquezas do campo. Entretanto, ainda é atrativa para uma população de imigrantes galegos, que viviam na zona rural em uma estrutura social “que guardava características de um sistema feudal”, Brandão (2005, p.35), explica:

Enquanto a economia na Galícia não permitiu o desenvolvimento de um centro urbano capaz de aglutinar e reunir as elites regionais, na Bahia, a riqueza produzida no campo, principalmente através do cultivo da cana-de-açúcar e do fumo no seu hinterland, o chamado Recôncavo Baiano, foi uma das responsáveis pelo crescimento de Salvador, sendo determinante inclusive na formação de uma centralidade, uma vez que esta cidade, além de sede administrativa da província e núcleo cultural e político, assumia as funções comercial e portuária.

É importante salientar que apesar de estar em desenvolvimento, a cidade de Salvador já começava a perder prestígio político, que começou no século XVIII, com o deslocamento da capital colonial para o Rio de Janeiro em 1763 (BRANDÃO, 2005). O crescimento populacional de Salvador, entre 1853 e 1900 é pequeno se comparado a de outras cidades brasileiras no período,

Brandão (2005, p.39) aponta: “No final do período, segundo dados do censo, a população soteropolitana passou de 174.412 habitantes em 1890 para 205.813 em 1900, apresentando uma desaceleração no ritmo de crescimento populacional.”

A Real Sociedade, na época, também surge em um momento delicado quanto as questões sanitárias, como aponta Brandão (2005, p.39):

Em uma cidade cujas condições sanitárias e higiênicas eram lastimáveis e cujos contatos através da atividade portuária eram expressivos com viajantes chegados de todas as regiões do mundo – potenciais hospedeiros de micro-organismos –, a disseminação de doenças infectocontagiosas não poderia provocar menos de uma catástrofe de saúde pública.

E foi uma epidemia de cólera em 1855, que contribuiu para o abandono do centro antigo, por parte dos moradores com maior poder aquisitivo (BRANDÃO, 2005). Centro esse que, desvalorizado, vai ao longo dos anos sendo ocupado por comércios e moradias de imigrantes galegos.

Na primeira década do século XX começam as obras de construção da primeira enfermaria, com capacidade para 90 leitos. Em 1910 muitas foram as visitas de navios da marinha espanhola à Bahia, entre eles o Afonso XII trazendo a Infanta Isabel. O navio, entretanto, teve de ancorar longe do cais, e a Infanta Isabel, “assustada” com a recepção calorosa, “ao som da Marcha Real e os gritos de ‘viva Espanha’” preferiu receber as comissões sem sair do navio (REAL SOCIEDADE ESPANHOLA DE BENEFICÊNCIA, 2000). De acordo com a “Publicação Comemorativa 115 anos de fundação do HE” do ano 2000, vinculada pelo Hospital Espanhol, a situação com a Infanta Isabel foi positiva, já que em 1911 a Sociedade de Beneficência recebeu o título de “Real” e a autorização do uso do escudo das armas reais em todos os seus documentos, como destaca a revista:

O episódio da visita da Infanta Isabel poderia ser registrado como desastroso, mas se transformou num dos mais importantes para a Sociedade de Beneficência e toda a colônia na Bahia. Presume-se que por ela e os fatos sucedidos foi concebido em despacho pelo ministro do Estado espanhol, datado de 22 de julho de

1911, o título 'Real' a Sociedade Espanhola de Beneficência e autorizado o uso do escudo das armas reais em todos os seus documentos.

Na década de 20, de acordo com Bacelar (1994, p.141), “o Sanatório amplia as suas instalações e serviços, passando a fazer intervenções cirúrgicas, estabelecendo regimes de pensionato para clínica privada e inaugurando em 1929 o posto odontológico”.

Em 1925 é reconhecida como entidade de Utilidade Pública Estadual pela Lei 1.786, de 10 de julho do mesmo ano (BACELAR, 1994).

Em 1935 é feita a primeira grande ampliação, já com desejo de prestar serviços a comunidade baiana (BRAGA, 1995). Em março de 1936 é inaugurado as novas instalações, inclusive com a presença de autoridades governamentais (BACELAR, 1994).

Em 1947 foi outorgada a instituição a “Gran-Cruz, Distintivo Branco”, por decreto de 18 de abril do mesmo ano, assinado por Francisco Franco, chefe de Estado espanhol (REAL SOCIEDADE ESPANHOLA DE BENEFICÊNCIA, 2000).

A cidade de Salvador, entretanto, vivia em um momento de estagnação. Enquanto o Hospital Espanhol conquistava cada vez mais espaço e reconhecimento, a economia soteropolitana e baiana passava por um processo inverso, como destaca Almeida (2009, p.6):

Os poucos centros urbanos existentes na Bahia, até a primeira metade do século XX, encontravam, a exemplo de Salvador, nas atividades de comércio e administração pública, seus principais suportes econômicos. (...) O movimento comercial era limitado, basicamente, ao fluxo de mercadorias entre Salvador e as cidades menores, por via marítima, concentrando-se no interior do Recôncavo. Não existindo meios de transporte adequados, o comércio entre as cidades de menor porte tinham pouca expressão. Comércio, construção civil pesada (portos e estradas), transporte, crédito e serviços públicos cresciam em função da expansão das atividades agroexportadoras estaduais. Como a expansão dessas atividades era débil, além de cíclica, as cidades baianas não atraíam novos investimentos, nem, por consequência, imigrantes em busca de trabalho. Assim, pouco cresceram no período.

Pode-se deduzir, que por fazerem parte das atividades de comércio (secos e molhados), que não sofreram como as atividades agrícolas e agroexportadoras, os imigrantes galegos nesse período, puderam contribuir com os avanços feitos pelo Sanatório Espanhol. Almeida (2009, p.10), disserta sobre o período e a situação em questão:

Pode-se resumir afirmando que a economia baiana conheceu, do final do século XIX aos anos 1930 – 1940, um período de lento crescimento, marcado pelo débil dinamismo ou pela instabilidade de suas atividades agroexportadoras, pela dominação quase absoluta do capital comercial sobre o conjunto das atividades econômicas regionais e, ainda, por baixas taxas de expansão urbana e industrial.

Os dados apresentados por Almeida (2009) no livro “Como Anda Salvador” mostram a insignificância da indústria baiana em relação ao Centro-Sul. Através do Censo de 1920, por exemplo, que traz valores da indústria baiana, representando em produção nacional 2,8% e ocupando 5,7% dos operários brasileiros. O que se agrava no Censo de 1940, a participação na produção vai para 1,8% e a força de trabalho na Bahia passa a ser 3% do total brasileiro.

É importante lembrar que a crítica vem por comparações a outras regiões do Brasil, em processos mais rápidos de desenvolvimento, isso não significa que Salvador ficou parada no tempo. Um exemplo é a ampliação do porto.

A localização da Real Sociedade Espanhola de Beneficência foi muito criticada no começo, “existiam muitas críticas pela localização: longe do centro, com percurso de bonde de uma distância bastante considerável” (REAL SOCIEDADE ESPANHOLA DE BENEFICÊNCIA, 2000). A mudança começou quando foram iniciadas as obras no porto da Cidade Baixa em caráter de expansão do centro comercial, em 1914 muito já tinha sido feito para modernização do porto, que estava servido por 6 armazéns, 8 guindastes móveis sobre trilhos e 3 linhas férreas. Além disso algumas ruas foram alargadas entre a Associação Comercial e a atual praça Cairu, entre outras intervenções (FERNANDES; SAMPAIO; GOMES, 1999). Com isso, outra obra

importante foi sendo construída, a Avenida Sete de Setembro, que como aponta Fernandes, Sampaio e Gomes (1999, p.173) foi construída em contrapartida a todo esse processo de modernização e crescimento:

Na Cidade Alta, a contrapartida da intervenção no porto e no comércio foi a abertura de um vetor de expansão em direção à Vitória e ao velho povoado da Barra – a avenida Sete de Setembro - , consolidando uma tendência aberta desde a instalação ali das residências dos primeiros estrangeiros, ainda no início dos Oitocentos. Realizada no primeiro governo Seabra, a idéia de sua abertura remonta ao 'projeto de melhoramentos para uma parte da Cidade Alta', elaborado pelo engenheiro civil Jeronymo Teixeira de Alencar Lima e apresentado à Câmara Municipal de Salvador em 1910.

No que concerne ao Hospital Espanhol, os anos foram de mudanças e crescimento. Em 1994, começam os trabalhos de plantão 24 horas na enfermaria. No ano 2000, já são 200 leitos e hoje (2011), de acordo com a Central de Leitos do hospital, são 254 leitos em funcionamento para o atendimento da sociedade soteropolitana.

Com linda vista para a Baía de Todos os Santos, aquele morro que contava apenas com um chalé, passou por diversas mudanças. Hoje o Hospital Espanhol reflete um pouco a cidade de Salvador, já que divide traços da modernidade com o antigo. A manutenção do prédio antigo, de traços simples e cores claras, acaba por assimilar-se com o moderno centro médico construído, com linhas modernas mas não extravagantes. O Hospital conta com infraestrutura pavimentada, o que facilita a acessibilidade as unidades do Hospital, já que existe uma declividade razoável. É hoje um hospital de referência para muitos outros, além de já fazer parte da orla e da imagem de Salvador.

2.2. RAZÕES QUE MOTIVARAM A CRIAÇÃO DO HOSPITAL ESPANHOL

A vida do imigrante galego ao aportar em Salvador pouco se parece com o que previamente imaginava, o choque cultural era muito grande e a jornada de trabalho extensa e cansativa. Trabalhando nos armazéns e padarias de outros imigrantes galegos, sofriam com jornadas de trabalho entre 16 e 18 horas, sem descanso semanal e dormindo muitas vezes nos fundos do próprio armazém. As condições sanitárias do lugar certamente pouco se encaixavam no que hoje consideramos aceitáveis, já que na época não existia nenhum tipo de vigilância sanitária bem como leis trabalhistas que regulamentassem as horas diárias de trabalho e descanso.

Sendo assim, o imigrante galego, mesmo em cuidado de patrícios, sofria com a situação de trabalho que a ele era imposta. O patrão galego não era uma má pessoa, o mesmo estava culturalmente ligado aquela forma de exploração do trabalho, além da situação não ser exclusiva de Salvador ou do Brasil, sendo a mesma em outras partes da América (BRAGA, 1995). A criação que esse empregador galego teve não lhe mostrou outros modos de trabalho, mesmo porque, o trabalho na cultura galega é extremamente importante.

Um grande número de imigrantes galegos chegavam a Salvador jovens e sozinhos. Tinham pouco convívio social, restrito aos membros da comunidade galega, mesmo porque, em sua maioria, eram pouco familiarizados com a vida urbana. Trabalhando em condições desumanas, muitos não aguentavam tanto sofrimento, a doença e por fim a morte levou um número inexato, para nós, de almas. Uma situação no mínimo constrangedora para o responsável pelo galego que aqui vinha trabalhar aos seus cuidados. A preocupação ainda era maior quando a doença era contagiosa, como a tuberculose, por exemplo (BRAGA, 1995). O depoimento do Sr. Manuel Meijon, transcrito em partes por Braga (1995, p.132) nos revela um pouco dessa realidade:

Não admira, pois, que o desânimo e a doença encontrassem campo propício em centenas, milhares desses infelizes, que, longe da família e da Pátria, e sem assistência adequada, se entregavam nas mãos da providência, que, na maioria das vezes, era bastante cruel e,

para quantos daqueles jovens que aqui chegavam cheios de esperança, restaria apenas, por algum tempo, uma cruz no anonimato da nossa sofrida emigração.

A necessidade de atendimento médico para esses trabalhadores se fazia necessária, não só no aspecto moral, já que de certa forma existia um compromisso dos empregadores com muitos dos seus empregados galegos, que eram trazidos aos seus cuidados e que recebiam pagamentos incertos e sofriam horas de trabalho extensas, mas também no aspecto econômico, já que é inegável que a moléstia desses empregados representava gastos por parte dos patrões responsáveis, além de impossibilitarem a continuação dos trabalhos executados pelos empregados. Mais uma vez, o depoimento do Sr. Manuel Meijon, transcrito em partes por Braga (1995, p.133) deixa claro os fatos sem nenhum romantismo:

A solução, pois, estaria na criação de um hospital que pudesse abrigar todos esses enfermos. Talvez, nesses propósitos, pontilhasse um pouco de sentimento egoísta. Entendemos, porém, que todas as grandes realizações da humanidade tiveram quase sempre a impulsioná-las, ou um santo e nobre ideal, ou um interesse imediato de alguém.

Todos esses fatores culminaram na criação da Sociedade Espanhola de Beneficência, que possibilitaria a ajuda aos associados em necessidade (ver figuras 2.1 e 2.2 na página 39). O suporte da Sociedade não se restringia aos cuidados médicos, envolviam ainda, como aponta Bacelar (1994, p.140): “auxílio financeiro, pensões, funerais, concessão de passagens para outros estados do Brasil e para a Galícia etc.”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Figura 2.1 – Frente de uma carteira de sócio remido de 1949.



Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Figura 2.2 – Parte interna de uma carteira de sócio remido de 1949.

2.3. PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DOS IMIGRANTES GALEGOS A SOCIEDADE BAIANA PROMOVIDO PELO HOSPITAL ESPANHOL

É inegável a participação da Real Sociedade Espanhola de Beneficência no processo de integração do grupo de imigrantes galegos a cultura local e de certa forma a cidade de Salvador.

A Real Sociedade Espanhola de Beneficência pode ser considerada o principal instrumento para a integração do grupo de imigrantes galegos a cidade de Salvador. Como aponta Bacelar (1994, p.140) sobre a instituição: “é desde sua criação um grupo de poder na colônia galega e o seu órgão maior de representação na vida da cidade. O seu desenvolvimento e participação atesta claramente o sucesso material, econômico, do grupo”.

Como escrito anteriormente, a criação da sociedade teve objetivos bem claros de ajuda aos imigrantes galegos que passavam por problemas de saúde e dificuldades econômicas. Tendo sido a criação de tal instituição um misto de interesses econômicos e assistenciais. A importância que a instituição foi conquistando acabou por torna-la um instrumento de integração do grupo de imigrantes galegos a sociedade, veremos os fatos que culminaram no processo de definição da Real Sociedade como tal instrumento.

Em 1893, ainda com sede no Campo dos Mártires, a Sociedade Espanhola de Beneficência foi requisitada para um importante momento do civismo nacional. Acontece que os antigos donos de escravos ainda exigiam indenizações por conta da Lei Aurea de 1888. O governo, com receio de ganho de causa por parte os ex-donos de escravos “deliberou incinerar as provas que pudessem instruir qualquer processo, cujos documentos se achavam guardados nos cartórios do país” (REAL SOCIEDADE ESPANHOLA DE BENEFICÊNCIA, 2000).

O local escolhido foi o Campo dos Mártires. Como só existia a Sociedade Espanhola de Beneficência como entidade no local, e as atas da incineração precisavam ser lavradas em uma entidade ou repartição pública, esse foi o local requisitado para em 13 de maio de 1893, ser realizado esse importante ato. De acordo com a “Publicação Comemorativa 115 anos de fundação do HE” do ano 2000, vinculada pelo Hospital Espanhol: “Talvez, esse

tenha sido o primeiro contato da entidade com as autoridades e comunidade baiana partilhando os mesmos sentimentos”.

Em 1922, a Real Sociedade Espanhola de Beneficência, com a participação de 1.115 espanhóis, contribui para a construção do palácio-monumento que iria abrigar o Instituto Histórico.

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) é um caso a parte, ele foi fundado em 13 de maio de 1894 e já passou por seis sedes. Começou na própria casa de seu primeiro presidente, Tranqüilino Leovigildo Torres e depois de mais duas sedes provisórias o Instituto teve a sua primeira sede própria, localizada na Praça do Terreiro de Jesus, infelizmente o local foi destruído por um incêndio, passando assim para outra sede provisória, quando, por fim, com ajuda da Real Sociedade - que de acordo com o jornal “A Tarde” apud Bacelar (1994, p. 143) concede “a maior dádiva particular” - é construída a sede própria na Av. Sete de Setembro, número 94, Piedade, inaugurada no dia 02 de julho de 1923 e onde se encontra até hoje (INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA, 2011).¹

Em 1941, outro ato de destaque, o Cônsul Don Gregório Izaga e o presidente da Real Sociedade Espanhola de Beneficência, Juan Alban Garrido, oferecem importante contribuição em dinheiro para a criação da Faculdade de Filosofia (BACELAR, 1994).

Hoje como Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, a construção lembra mais um casarão antigo que um prédio, já que é muito amplo e de arquitetura simples. Localizado na Federação, dentro do campus da UFBA, exerce a função de equipamento de ensino aos alunos e futuros filósofos. Aparenta não ter muitos reparos e pouca manutenção. No lugar, o mato circunda a construção e tira a beleza da área, que conta com grandes palmeiras.

Todas essas contribuições partiam de um grupo cada vez mais interessado na integração com a sociedade baiana, e que definiram a Real Sociedade no principal instrumento para tanto, uma integração que se fazia

¹ O IGHB é a mais antiga instituição cultural do estado, em seu acervo estão telas de alto valor histórico, livros raros, arquivos pessoais de personalidades importantes, armas antigas, etc. Conta com um museu, acervo jornalístico, acervo cartográfico (um dos maiores do Estado, com mapas desenhados, impressos e cópias heliográficas), além da Biblioteca Ruy Barbosa e o Arquivo Histórico Theodoro Sampaio, que conta com preciosidades históricas como manuscritos e cartas de importantes figuras brasileiras.

necessária, não só para benefícios políticos e econômicos, mas porque muitos filhos de imigrantes já nasciam brasileiros, e depois de longos anos longe da Galícia, o carinho com a nação que os acolheu crescia.

Podemos dizer ainda que a Real Sociedade Espanhola de Beneficência desempenhou papel político para promoção da integração dos imigrantes galegos a sociedade. Bacelar (1994, p.143) aponta o comportamento da sociedade frente aos fatos onde qualquer atitude adversa aos costumes baianos poderia resultar em conflito:

Durante a Guerra Civil Espanhola, momento em que a Bahia católica, conservadora e autoritária, apoia tacitamente o movimento nacionalista, a Real Sociedade é o baluarte galego das manifestações e campanhas pró-franquismo. De forma clara e ostensiva expõe a posição do grupo frente aos acontecimentos do seu país de origem. Entretanto, quando o Brasil entra na Segunda Guerra, sobretudo com o torpedeamento de navios nas costas da Bahia, imediatamente mostra a sua perspectiva (...) Contribui com 10:000\$000 para a campanha do jornal O Estado da Bahia, coloca o Sanatório e toda sua equipe à disposição do governo brasileiro e, logo após, doa um avião, batizado de 'Santiago de Compostela', para o treinamento de pilotos brasileiros.

No que tange a Segunda Grande Guerra, a Real Sociedade Espanhola de Beneficência deixou bem claro o apoio ao Brasil, mesmo a Espanha, como escrito anteriormente, não tendo participado da mesma, e o ditador Francisco Franco ter tido relações com a Alemanha e a Itália (BRAGA, 1995).

A decisão da Real Sociedade foi tomada, principalmente, quando em 1942, ataques a navios brasileiros vitimaram homens e mulheres inocentes. Navios mercantes, que transportavam passageiros com grande frequência, principalmente pelos portos do Nordeste, foram traiçoeiramente atacados por submarinos nazistas, o que levou o Brasil de Getúlio Vargas a sair de cima do muro e declarar guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista. Esse capítulo da história é bem descrito por uma reportagem do site UOL de autoria de Túlio Vilela:

De fevereiro a agosto de 1942, dezenove navios brasileiros foram torpedeados, o que causou a morte de 742 pessoas. Os torpedeamentos continuaram a ocorrer depois de agosto de 1942, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista (...) Ao todo, os torpedeamentos de embarcações brasileiras causaram a morte de 1.081 pessoas. Para termos uma idéia do impacto e do pânico gerado por esses ataques, é preciso levar em conta as opções de transporte então disponíveis, na década de 1940, entre as regiões do Brasil: a qualidade e a quantidade das rodovias brasileiras deixavam a desejar; faltavam ferrovias que interligassem as várias regiões; quase não havia aeroportos (...) Era comum navios mercantes transportarem passageiros, que aproveitavam as escalas para viajar de um ponto a outro do país. Assim, qualquer família brasileira que estivesse viajando de navio naquela época corria o risco de ser vítima de um ataque submarino (...) A notícia dos ataques contra navios brasileiros comoveu a população brasileira na época. Também motivou reações violentas de cidadãos que, indignados e desejando vingança, se voltaram contra imigrantes alemães, italianos e japoneses.

Providencial foi a ajuda – através da disponibilização do Hospital Espanhol e da doação do avião para treinamento de pilotos brasileiros - e a clara declaração de apoio ao Brasil por parte dos imigrantes espanhóis representados pela Real Sociedade, tendo em vista que a Espanha durante a guerra não escolheu nenhum lado e que em seu passado, o General Franco, tinha ligações com o nazismo. Muitos estrangeiros no Brasil sofreram por conta dos ataques, e os espanhóis da Bahia acharam uma forma sensata e caridosa de desviar manifestações xenófobas com a guerra.

A Real Sociedade Espanhola de Beneficência se dedicava ao processo de integração de tal maneira, que enquanto fazia doações em dinheiro para construção de equipamentos urbanos na cidade e até mesmo a doação de um avião para treinamento de pilotos brasileiros, o Sanatório não possuía um veículo para serviços. Só em 1961, com as obras de ampliação em andamento, foi construída uma garagem para abrigar uma caminhonete, recém-adquirida. Sendo até então, o único hospital dentre os 27 existentes em Salvador, que não contava com um automóvel para serviços (REAL SOCIEDADE ESPANHOLA DE BENEFICÊNCIA, 2000).

3. A ASSOCIAÇÃO CULTURAL HISPANO-GALEGA CABALLEROS DE SANTIAGO

A Associação Cultural Caballeros de Santiago foi fundada em 22 de novembro de 1960 como entidade cultural, funcionou a princípio na Igreja paróquial da Pituba, a Igreja Nossa Senhora da Luz (ver figuras 3.1 e 3.2 na página 47). Foi originada da vinda para a Bahia de um frade da ordem mercedária, de origem galega, da província de Orense, que nos últimos dias de 1959 viera tomar posse como pároco da Igreja Nossa Senhora da Luz (CADERNOS DE LITERATURA, 2011).

A Pituba, como bairro, ainda não se encontra delimitado por lei, entretanto pode se considerar que tem como principais vias a Avenidas Manoel Dias da Silva, Paulo VI e Antônio Carlos Magalhães. Sua história começa com Joventino Pereira da Silva (que empresta o nome para o Parque Joventino Silva, mais conhecido como Parque da Cidade) e Manoel Dias da Silva (que empresta seu nome a uma das principais avenidas do bairro), o começo é bem retratado por essa passagem retirada da enciclopédia livre Wikipédia:

No início do século XX, Joventino Pereira da Silva, juntamente com seu cunhado Manoel Dias da Silva, adquiriu a Fazenda Pituba, e, juntos, traçaram o Plano Cidade Luz. Joventino, que era mineiro, trouxe consigo a ideia de implantar na Pituba uma estrutura moderna, igual à de Belo Horizonte, com quadras divididas estrategicamente, ruas largas e muitos espaços para belas moradias. O projeto de loteamento foi publicado em 1919, com relatório assinado pelo engenheiro civil Teodoro Sampaio, e aprovado pela Prefeitura Municipal de Salvador em 1932. O esquadrinhamento do terreno estabeleceu a abertura de 10 vias logitudinais paralelas à linha da costa, algumas das quais seriam denominadas avenidas, e 15 transversais perpendiculares às primeiras. Ficou estabelecido em um documento de 1915 que o eixo principal do arruamento, então conhecido como Estrada da Pituba, seria denominado Avenida Manoel Dias da Silva, oficializada pela Lei Municipal nº 1.664, de 2 de dezembro de 1964.

Na década de 1960, quando se dá a fundação da Associação Cultural Caballeros de Santiago, o prefeito de Salvador, Néelson Oliveira, começa o asfaltamento das ruas da Pituba, que só chega ao fim na década de 70. Na virada da década de 60 para 70, começa o processo de verticalização e expansão da malha urbana, com a Avenida Antônio Carlos Magalhães e diversos empreendimentos, a exemplo do Parque Júlio César, conhecida área de condomínios da Pituba. Em 1967, a sede da Associação Cultural já não é mais o bairro da Pituba, que acaba por crescer de forma surpreendente. O Shopping Iguatemi (1975) e o Shopping Itaipara (1977) vêm confirmar no final da década de 1970, o crescimento urbano da antiga fazenda, coberta por Mata Atlântica, hoje preservada mesmo que minimamente, pelo Parque da Cidade.

De acordo com o Informativo da Paróquia Nossa Senhora da Luz, Edição Especial Número 11 de 2010, Frei Samuel Martinez chegou à Bahia em junho de 1960 (e não nos últimos dias de 1959), com função de ser o pároco da Paróquia Nossa Senhora da Luz, que ainda estava em construção, por esse motivo, se hospedou no Mosteiro de São Bento por oito dias e, em seguida, na modesta casa das Irmãs Mercedárias até a construção da Paróquia, ali foi pároco por 4 anos, entre 1960 e 1964.

Em depoimento, Argentino San Roman Amoedo, um dos fundadores da associação, em texto escrito para o Cadernos de Literatura, Ano IX – Número 18, afirma que o começo partiu de 12 imigrantes:

Com o propósito de criar uma sociedade cultural e filantrópica na Bahia, tiveram início os primeiros passos com o encontro com o imigrante galego Rodelgo Tombo Romero, que trabalhava na Gonzales Muniz do Canela (Salvador). Rodelgo falou com seu sócio em negócios de decoração, também galego emigrado para o Brasil ainda jovem, Argentino San Roman Amoedo e a um outro de nome Manuel N. Sanchez Soares. Os três convidaram e reuniram mais nove jovens galegos de Pontevedra, formando um grupo de doze, que constituiu a primeira diretoria da sociedade cultural e filantrópica ‘Caballeros de Santiago’, nome posteriormente alterado para o atual – Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago.

É um depoimento importante, que parte de um imigrante que participou de perto do processo de formação da instituição, no entanto, os dados são

conflitantes com os contidos no site da Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago, que afirma que nas primeiras reuniões realizadas na Paróquia da Pituba, além do Pe. Samuel Martínez, contava com a presença de 15 imigrantes. A ata de fundação, fornecida pela instituição, aponta para a criação da primeira diretoria, que contava com doze nomes, além do nome do Padre Samuel Martinez. Da seguinte forma:

Presidente: Manuel N. Sanchez Suarez

Vice-presidente: Lauriano Baqueiro Valencia

Secretário: Manuel Moreira Carrascal

Vice-secretário: Manuel Martinez Peleteiro

Tesoureiro: Joaquim Martinez Bouzón

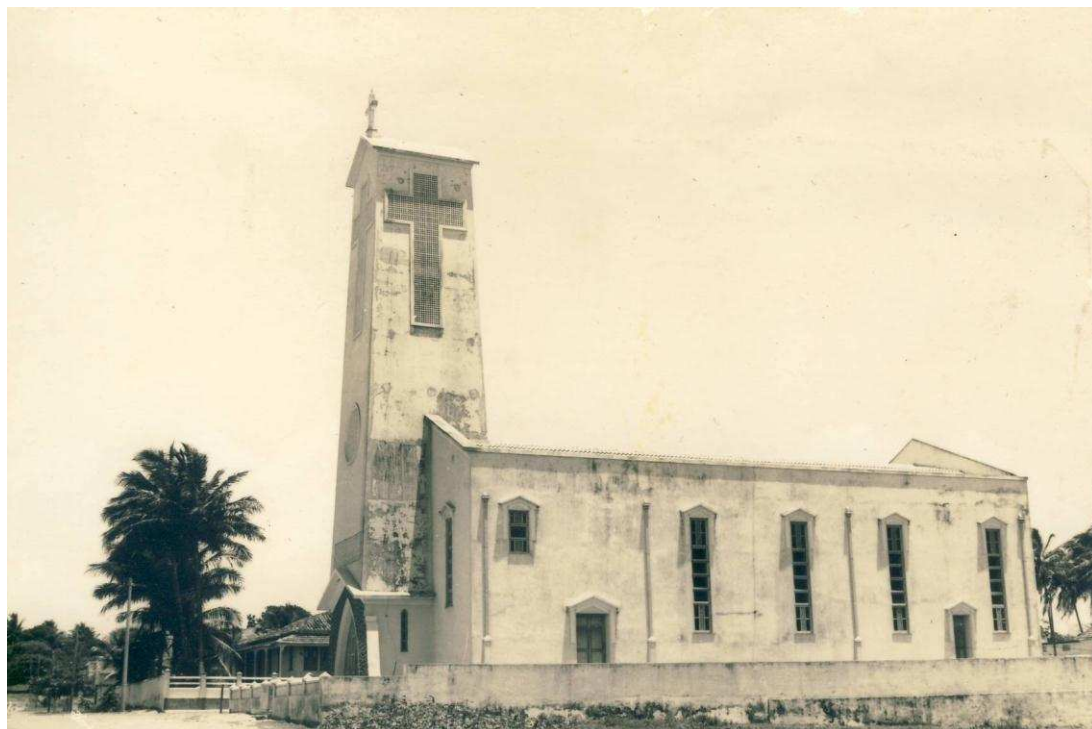
Vice-tesoureiro: Eligio Gonzalez Fraiz

Suplentes: Elio Vidal Oubiña, Manuel Escariz Muiños, José Pintos Suarez, Rodelgo Tombo Romero, Argentino Sanramán Amoedo e José Obal Lamas.

Diretor espiritual e capelão: P. Samuel Martinez O. de La M.

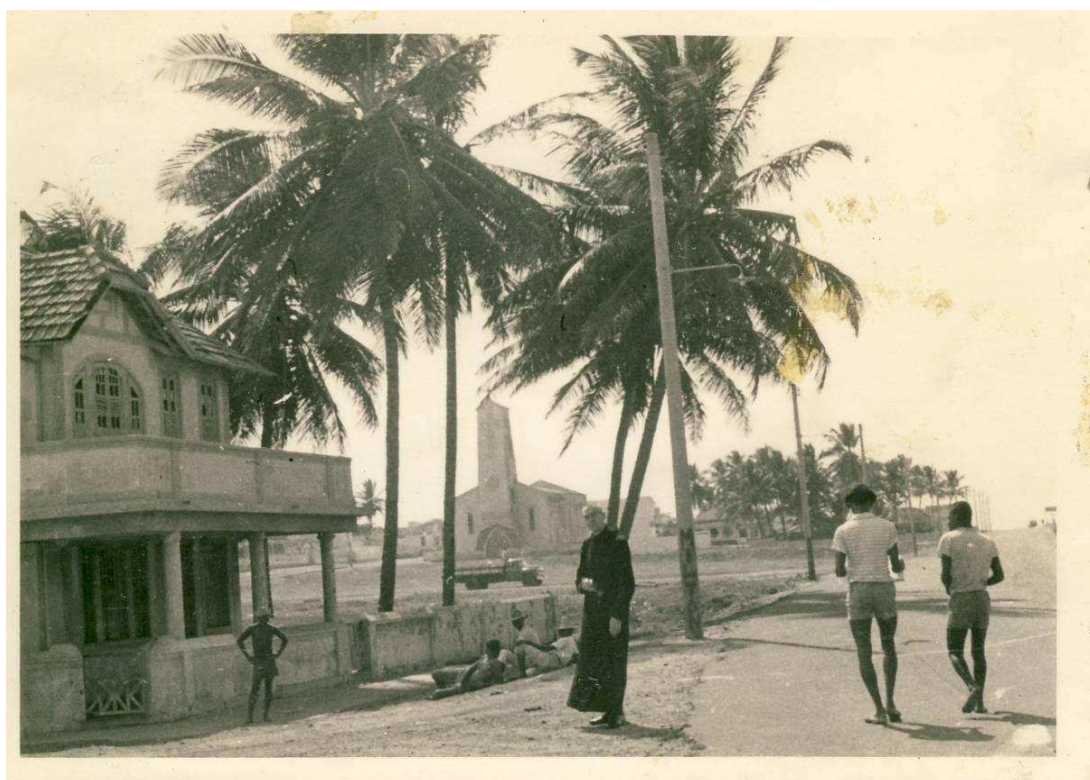
Segundo Braga (1995, p.168) como entidade cultural, teve como sua primeira iniciativa a criação de um jornal intitulado “Plus Ultra”, de acordo com a mesma: “bem acolhido pela colônia galega”.

Ainda na Igreja, a associação criou e manteve uma escola que tinha 40 meninos carentes, tendo a ajuda da Secretaria Municipal de Educação através da doação de móveis e professores (CABALLEROS DE SANTIAGO, 2011). Em seguida, foi instalado um pequeno ambulatório para atender pessoas carentes. A associação promoveu a primeira festa do Apóstolo Santiago na Bahia, com distribuição dos tradicionais “pães de Santiago” trazidos da Espanha. A associação também promoveu a encenação da peça “La Verbena de la Paloma” e trouxe para Salvador o conjunto folclórico dos “Coros e Danças da Espanha” (BRAGA, 1995).



Fonte: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Luz, 2011.

Figura 3.1 - Paróquia Nossa Senhora da Luz na década de 1960.



Fonte: Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Luz, 2011.

Figura 3.2 - Foto do padre Samuel Martínez de preto e ao fundo a Paróquia Nossa Senhora da Luz, década de 1960.

Segundo Braga (1995, p.168) os Caballeros de Santiago ainda entraram em diversos meios de comunicação, de forma a se fazer presente em múltiplos espaços da cidade:

Manteve, na Rádio Cultura da Bahia, o programa musical denominado 'Cartas de Espanha', tendo depois conseguido um horário na TV Itapoan, para divulgação, em vídeotape, de diferentes aspectos da vida contemporânea da Espanha.

A primeira sede própria foi inaugurada em 1967, no Edifício São Luís, localizado na Avenida Sete de Setembro. Foi quando foram implantadas as primeiras turmas do curso de língua espanhola, além de manterem a divulgação das manifestações culturais espanholas de dança, música, artesanato, culinária, dentre outras. A localização era privilegiada, já que a Avenida Sete de Setembro é uma das mais tradicionais vias urbanas de Salvador, além de ser muito movimentada e contar com diversas residências, comércios e serviços em geral, a Avenida Sete, como é mais conhecida, foi inaugurada em 1916 por JJ Seabra e se estende do Farol da Barra a Praça Castro Alves, onde se une à Rua Chile.

A sede atual, no Rio Vermelho, começou a ser construída em 1988 e foi concluída em julho de 1989. Localizado em um dos bairros mais tradicionais e boêmios da cidade, na Rua da Paciência, número 441, a Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago fica de frente para o mar, em uma localização de beleza privilegiada, perto de residências, faculdades, escolas, comércios diversos e áreas de lazer.

Em 1989, quando concluída a sede própria da Associação Cultural, o bairro do Rio Vermelho já pouco se assemelhava com sua "fase romântica", segundo Santana (2009, p. 24) no final dos anos 1950:

Ondina, Rio Vermelho e Amaralina eram bairros de reduzida população. As praias oceânicas muito pouco atraíam os soteropolitanos. E toda a orla de mar aberto constituía-se em longas praias marcadas pela presença de poucos pescadores e suas famílias, que dominavam a linha marítima até o 'mar de Itapoã' cantado por Caymmi.

De acordo com a Academia dos Imortais do Rio Vermelho (2011), o início das transformações coincide com o emissário submarino, em 1972:

Coincidindo com o início da construção do emissário submarino - que em 1972 sacrificou a belíssima enseada da Mariquita, aterrada para que fosse instalado o canteiro das obras -, o tradicional bairro passou a perder seus casarões e palacetes, que paulatinamente foram sendo substituídos por edifícios de apartamentos e prédios comerciais. Brotou e se alastrou pelos setores da Paciência, Santana e Mariquita - antigos santuários do veraneio requintado - uma nova paisagem urbana, que retirou do Rio Vermelho a ambiência bucólica e o status de uma autêntica cidade do interior.

O Rio Vermelho na década de 1970, já começa a sofrer mudanças, que são reflexos das mudanças em muitas partes da cidade, inclusive áreas onde só a Mata Atlântica preponderava. O “avanço” da cidade muda o Rio Vermelho, o “bairro com bondes, das famílias tradicionais (de antigos veranistas), das festas religiosas e populares, dos artistas, intelectuais, seresteiros, boêmios, jogadores de futebol, capoeiristas e banhistas, das praias limpíssimas, das matinês e soirês no cinema, do tráfego tranqüilo, etc”³ é totalmente diferente do que vemos hoje e que começa a ser construído na década de 70. A Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago é fruto desse processo de transformação do bairro, transformação essa, que pode ser vista por um lado negativo (e talvez saudosista) e por um lado positivo.

A estrutura da Associação Cultural é respeitável, em um edifício de três andares, que conta com elevador para melhor acessibilidade, são 8 salas de aula climatizadas, um auditório onde são realizadas apresentações de dança, teatro, seminários, palestras e exibição de filmes, uma sala exclusiva para a prática de dança, estruturada especialmente para esse fim, espelhada e com piso apropriado, salão de festas, cantina, laboratório de informática e uma biblioteca que de acordo com a instituição: “possui um acervo de cerca de 7.000 exemplares, CDs e DVDs, além de receber periodicamente jornais e revistas vindos diretamente da Espanha. Existe um setor da Cultura Galega,

onde dispõe das mais variadas informações sobre a Galícia: Sua cultura e idioma” (ASSOCIAÇÃO CULTURAL HISPANO-GALEGA CABALLEROS DE SANTIAGO, 2011).

Sendo assim, ao longo de sua trajetória, a associação manteve as intenções iniciais da sua construção, a ajuda a comunidade baiana e a divulgação da língua e a cultura espanhola, interagindo com a cidade e seus habitantes em meios de comunicação, tais como o rádio, a televisão e meios impressos. Buscando sempre cursos, exposições, palestras e exposições diversas da cultura galega e espanhola a fim de aproximar cada vez mais o baiano nesse meio. A integração já não é mais a intenção do grupo de imigrantes galegos representados pela instituição, mesmo porque, o mesmo já ocupa espaço na sociedade. A intenção do grupo passa a ser se fazer presente na cidade mantendo em terras distantes um pedaço da terra natal.

3.1 SITUAÇÃO ECONÔMICA DE SALVADOR QUE POSSIBILITOU A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL CABALLEROS DE SANTIAGO

A Associação Cultural Caballeros de Santiago surge em 1960, e diferentemente da Real Sociedade Espanhola de Beneficência - que em seu começo (1885), visava ajudar os imigrantes galegos em Salvador -, tem como alvo de suas ações a população baiana, diferentemente da Real Sociedade também, não tem a intenção de integrar o grupo de imigrantes galegos a sociedade, a busca é a manutenção das raízes espanholas e a divulgação da cultura galega e espanhola. Como disserta melhor Braga (1995, p.168):

O que precisa ser notado aqui é o fato de que esta associação, apesar de ter toda sua diretoria e sócios espanhóis, suas atividades, desde o início, foram voltadas para fora, para toda a comunidade baiana, pois naquele momento já estavam integrados. Note-se que o ambulatório era para a população pobre do bairro; os desfiles eram nas ruas da cidade; as aulas eram, também, ou até mais, para os baianos. Não havia mais aquela preocupação de fechamento, em atitude de defesa e preservação. Agora, pareciam seguros de que, mesmo integrados, haviam preservado sua identidade.

Pare entender a motivação da criação de tal instituição, temos que analisar o contexto da época e a situação em que se encontravam os imigrantes galegos.

A metade do século XX trás para Bahia e para Salvador significativo progresso e crescimento. Depois de um período de pouca industrialização e perda de influência, a Bahia começa a receber investimentos para diminuição da disparidade que havia entre o estado e outros do Sul e Sudeste brasileiro.

A demanda de energia necessária para o crescimento industrial sempre é um problema e um empecilho para o crescimento econômico, sendo assim, a construção da usina hidroelétrica de Paulo Afonso vem para ampliar a oferta de energia elétrica e, conseqüentemente, ajudar a suprir essa demanda. A operação das primeiras turbinas do complexo hidrelétrico da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) ocorre em 1954, com ampliações ao longo dos anos (ALMEIDA, 2009).

Outro ponto importante foi a criação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), permitindo financiamento e conseqüente investimentos em áreas de necessidade, como saneamento, transporte e infra-estrutura urbana em geral, como aponta Paulo Henrique de Almeida (2009, p.12):

Com a entrada em operação do BNB, em 1954, e a criação da SUDENE, em 1959, expandiu-se a oferta de financiamentos públicos de baixo custo, amortizáveis em longo prazo, capazes de garantir novos investimentos industriais, a modernização das plantas já existentes e a implantação de infra-estrutura urbana (água potável, saneamento, energia, telecomunicações e transporte). Tais financiamentos se multiplicaram nos anos 60 e 70, com base em duas fontes de recursos: de um lado, o repasse de empréstimos externos, do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, e , de outro, os depósitos oriundos dos sistemas de incentivos fiscais (...)

As condições então foram tornando-se propícias para a transformação econômica na Bahia, com a ampliação e a construção do terminal marítimo de Madre de Deus e a implantação da Refinaria Landulpho Alves (RLAM) em Mataripe. Mas segundo Paulo Henrique de Almeida (2009) o “ grande salto de

qualidade na evolução da indústria baiana” viria com os investimentos nas fábricas do Centro Industrial de Aratu (CIA) e do Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC). Charles D’ Almeida Santana (2009, p. 27) também disserta sobre a industrialização da região metropolitana de Salvador: “(...)iniciada na década de 1950 com a instalação da PETROBRÁS, em seguida o Centro Industrial de Aratu, anos 60, e o Pólo Petroquímico de Camaçari, na década seguinte”. Para se ter uma noção do reflexo dessa industrialização na cidade, segundo dados do IBGE apud Santana (2009) a população de Salvador saiu de 630.000 habitantes em 1960 para 1.500.000 em 1980, aproximadamente.

O CIA, que hoje muitos jornalistas e escritores chamam de “cemitério de empresas”, é uma reflexo da industrialização na Bahia (que após momentos de glória, acaba em grande parte morta). Paulo Henrique de Almeida (2009, p.14) também disserta sobre o fim desses anos de prosperidade:

A enfermidade por sua vez, seria confirmada entre a segunda metade dos anos 80 e a primeira dos de 1990. O esgotamento da industrialização, por substituição de importações com base no endividamento externo e interno, a crise fiscal e a virada neoliberal dos policy makers nacionais, levaram ao esvaziamento das políticas regionais de desenvolvimento e, antes de tudo, ao fechamento da torneira dos incentivos fiscais bancados nacionalmente. Isso liquidou com empresas que não tinham escala e fôlego financeiro para suportar as novas condições de concorrência.

Acontece que os imigrantes galegos souberam aproveitar esse momento. Como escrito no final do primeiro capítulo, com a chegada dos supermercados, os imigrantes galegos se viram obrigados a diversificar os negócios, já que muitos eram donos de armazéns, muitos deles foram voltando seu capital para a construção civil, turismo, transporte e etc. O período favoreceu a construção civil e outras áreas, como discorre Paulo Henrique de Almeida (2009, p.26):

Os investimentos da Petrobras e a montagem de plantas industriais na Bahia e em outros estados do Nordeste permitiram a expansão de empresas baianas de construção civil pesada. Essas

empresas, das quais o exemplo paradigmático foi a Odebrecht, cresceram, ainda, com o incremento do gasto público com obras de infra-estrutura – estradas, pontes, barragens, abastecimento de água, saneamento e avenidas -, entre o final dos anos 60 e a década de 80.

Outro autor que discorre sobre o final dos anos 60 - onde a construção civil foi beneficiada - é Antonio Heliodório Lima Sampaio (1998, p.88), em sua tese de doutorado, onde afirma:

A nova realidade se faz acompanhar de uma massa de investimentos e salários muito concentradas num espaço restrito - Recôncavo e Salvador -, propiciando a real transformação da Economia baiana, com evidentes impactos na reorganização do espaço urbano-regional (...) Surge daí, entre 1955 e 1959, uma transformação sem precedentes, elevando significativamente a renda interna industrial do Estado da Bahia, mas a dinâmica dessa radicalidade concentrará a renda em Salvador (...) Outro reflexo se dá na construção civil, e, conseqüentemente, nos materiais correlatos, seja por conta das estradas necessárias aos campos de exploração, seja pelas conseqüências dos salários na produção de moradias, setor sabidamente afetado pela escassez de oferta na época.

Os imigrantes galegos estavam no lugar certo, a cidade de Salvador, não tendo eles, em sua maioria, buscado o campo, e ao momento certo, os donos dos armazéns diversificaram o capital conquistado.

Outra área que cresceu economicamente foi a do turismo, com a criação da Empresa de Turismo da Bahia, a estatal Bahiatursa (1968), e, antes disso, com o desenvolvimento do transporte aeroviário no país e o asfaltamento da estrada Rio-Bahia em 1963 (ALMEIDA, 2009).

Para exemplificar como todos esses fatores vão beneficiar a colônia galega, podemos ver alguns nomes conhecidos de empresas de construção e hotelaria, de imigrantes galegos ou com participação dos mesmos, por exemplo: OAS Construtora, Construtora Suarez, Construtora Akyo, Leiro Construtora, Fernandez Construtora, Grande Hotel da Barra, Salvador Praia Hotel e o Hotel Marazul.

A situação dos imigrantes é totalmente diferente em 1960, já não mais são os “galegos da venda”, estavam não só integrados a sociedade, mas

tinham em grande parte sucesso profissional e econômico e despertavam interesses. Talvez a intenção de manter suas raízes, e, além disso, divulgar a sua cultura, tenha sido a principal motivação da criação da Associação Cultural Caballeros de Santiago, por parte dos primeiros fundadores. O certo é que, mais de 50 anos depois de sua fundação, a Associação presta um importante serviço de intercambio cultural entre Brasil e Espanha e divulga a cultura galega e espanhola para baianos e descendentes espanhóis interessados.

3.2 O PROCESSO DE INVERSÃO DE FLUXO MIGRATÓRIO E O PAPEL DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL CABALLEROS DE SANTIAGO

Enquanto muitos imigrantes galegos prosperam, a Espanha também faz o mesmo, e muitos começam a voltar para sua terra de origem. A intenção de manter a presença galega em Salvador pode ter motivado, bem como outros fatores, a criação da Associação Cultural Caballeros de Santiago.

A Espanha, por manter neutralidade durante a Segunda Guerra, não participou de planos de ajuda a países europeus, como o Plano Marshall, dos Estados Unidos da América, que previa empréstimos e transferências de tecnologia industrial. Isso reforçou o isolamento do país, gerando atraso econômico e social, mesmo porque, já na década de 1950, muitos países que participaram da guerra, já superavam seus traumas. O fim da situação de atraso da economia e sociedade espanholas, que durou até o final da década de 1970, começou com a morte do general Francisco Franco, em 1975, com isso, foi possível a restauração da monarquia constitucionalista, e a liderança do Rei Juan Carlos II, que começa a tirar o país do isolamento ao qual se encontrava. Todo esse processo melhorou significativamente as condições de vida da população e em 1986, a Espanha ingressa na Comunidade Econômica Europeia (CEE), o que representa um marco para a economia do país (BRANDÃO, 2005).

Outro fator interessante que vem junto com o progresso econômico na Espanha é a drástica diminuição do fluxo migratório para as Américas, o que é chamado de “nova emigração espanhola”. Os países industrializados da Europa Ocidental são os novos alvos, como afirma Brandão (2005, p.94):

Se os períodos anteriores consagraram a emigração transoceânica, o que se observou principalmente a partir da década de 1960 foi um quase desaparecimento do fluxo rumo à América e a consolidação de dois outros: um menos intenso, mas importante na dinâmica interna, que se direcionou para as cidades principais da região, como já foi assinalado, e um outro significativo, que tomou a direção dos países-líderes europeus, notadamente à Alemanha, Inglaterra, França e Suíça (...)

Mais do que a diminuição drástica da chegada de imigrantes, vemos na segunda metade do século XX o que o autor chama de um refluxo, que nada mais é do que a emigração do Brasil para a Espanha, como aponta Brandão (2005, p.101):

Em relação à dinâmica socioespacial da Galícia no período, há que se considerar ainda que, nos últimos anos do século XX, houve um refluxo do processo migratório direcionado à América, seja através dos retornos, permanentes ou temporários, de galegos, ou ainda da chegada de descendentes diretos de membros desse grupo em busca de postos de trabalho para além das sucessivas crises econômicas latino-americanas (...) Em entrevistas realizadas junto aos imigrantes galegos de Salvador, (...) 12,3% afirmam ter filhos com nacionalidade brasileira vivendo em cidades galegas, notadamente em Vigo e Pontevedra (...)

Segundo Kertés apud Brandão (2005), dados do ano 2000 da “Xunta de Galicia”, apontam para um número de 10.500 retornados e 42.400 estrangeiros filhos de emigrantes na Galícia. O que soma 2,11% das 2.500.000 pessoas nas quatro províncias (Lugo, La Coruña, Orense e Pontevedra) da Galícia. Um número bem considerável.

O movimento migratório quando criada a Associação Cultural Caballeros de Santiago começa a mudar. São os brasileiros, descendentes de espanhóis, que começam a sair do país para a Espanha em busca de uma melhor condição de vida. A Associação vem assim, como parte dessa ponte de trajetória, na medida em que fornece serviços (como o ensino da língua) que facilitam a ida desse descendente ou mesmo do baiano nato, em busca de novas oportunidades.

Manter vivas as tradições e a língua é uma forma inteligente de impor suas raízes. Uma imposição que não ultrapassa o limite do outro, certamente, mas que existe para estabelecer a sua presença. A Associação Caballeros de Santiago desempenha um papel importante na manutenção da cultura espanhola e galega, sendo uma espécie de porto-seguro dessas raízes culturais. Como aponta Harvey (1992, p.263), a busca de tais raízes se faz presente nos dias atuais: “O retorno do interesse por instituições básicas (como a família e a comunidade) e a busca de raízes históricas são indícios da procura de hábitos mais seguros e valores mais duradouros num mundo cambiante”.

A busca pela integração do imigrante já não mais existe, o galego está integrado à sociedade de forma tal que não mais é necessário esforços por parte de associações ou qualquer instituição de membros galegos. Ao contrário, agora é o baiano que deseja se integrar mais ao imigrante, entender sua cultura, língua e seu modo de pensar, não só pelo sucesso alcançado por muitos em Salvador, mas por verem na Espanha a possibilidade de obter sucesso econômico e/ou um parceiro importante. Existe então um processo reverso, e a construção e crescimento da Associação Caballeros de Santiago é um reflexo desse novo desejo do povo baiano. Os galegos da Bahia são baianos que querem deixar bem claro que ainda são galegos, e muitos dos baianos querem ser cada vez mais galegos.

CONCLUSÃO

Buscamos, depois de toda a análise do processo de imigração galega para Salvador, entender os motivos que levaram a construção do Hospital Espanhol e o processo de integração promovido por ele. Em seguida, com a análise da Associação Cultural Caballeros de Santiago, a nova realidade de integração e o desejo de divulgação da cultura espanhola - por parte dos imigrantes galegos -, concluímos que foram uma série de fatores, que ligados uns aos outros, desencadearam no surgimento do Hospital Espanhol, e, mais tarde, na Associação Cultural Caballeros de Santiago.

O Hospital Espanhol, criado para atender aos imigrantes galegos que sofriam das mais diversas enfermidades devido ao trabalho quase que sem descanso e em condições insalubres, acaba por se tornar importante para a integração do imigrante galego a sociedade baiana, um papel tão importante quanto o de prestar serviços médicos, já que também visava o bem-estar do grupo.

No caso da criação da Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago o contexto da época é outro. O imigrante já se encontra integrado a sociedade e o país já não é atrativo para um novo ciclo migratório. As primeiras ações visam a população necessitada de Salvador, não mais o imigrante. A Associação torna-se então importante forma de manutenção das raízes culturais e históricas do grupo, que se faz presente na sociedade que os acolheu.

A necessidade de ajuda para o patricio galego em Salvador, e, posteriormente, a necessidade de integração de todos esses imigrantes a sociedade baiana, foi fundamental para o crescimento do Hospital Espanhol. Mais tarde, já integrado a sociedade, surge a Associação Cultural Caballeros de Santiago, que promove a cultura espanhola e afirma os laços e raízes dos descendentes e espanhóis que se encontram em Salvador.

Se para Sayad (1991) apud Vainer: “o imigrado não existe para a sociedade que o nomeia como tal senão a partir do momento em que ele transpõe as fronteiras”. Temos que considerar em Salvador, os dois equipamentos urbanos estudados como determinantes para o imigrante “transportar” essa “fronteira”. Se por um lado, o Hospital Espanhol é um dos

maiores responsáveis pela integração do imigrante, a Associação Cultural Caballeros de Santiago é a demonstração clara de que o mesmo está integrado, despertando interesse dos nacionais e transpondo suas fronteiras.

Se hoje Caramurú, possivelmente o primeiro galego em terras tupiniquins, visitasse Salvador, mesmo que na imaginação de um estudioso do mesmo, coincidentemente encontraria dois equipamentos urbanos de grande importância, construídos por seus patrícios, onde outrora viveu. A Associação Cultural Caballeros de Santiago, no Rio Vermelho, onde o mesmo naufragou e o Hospital Espanhol, muito perto do Porto da Barra, onde existia um início de povoamento, do Donatário Francisco Pereira e que com sua morte continuou com Caramurú e sua gente. Coincidências históricas que tornam o estudo do passado tão íntimo com o presente.

Assim, espero que esse trabalho de conclusão de curso, contribua para a discussão da imigração galega para Salvador e a sua influência na dinâmica da cidade, servindo como mais uma fonte de inspiração para trabalhos vindouros. Enfim, entender o estudo da cidade com uma perspectiva multidisciplinar e que envolve não só os conhecimentos técnicos, mas também o histórico e antropológico, acrescenta ao entendimento da cidade novas formas de compreender a realidade urbana, desde os vetores de crescimento ao entendimento da degradação de certas áreas e a reconstituição de territórios.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DOS IMORTAIS DO RIO VERMELHO. **Revista do Rio Vermelho** Apresenta parte da história do bairro. Disponível em: < <http://www.acirv.org/>>. Acesso em: 20 setembro 2010.

ALBÁN, Maria del Rosário S. **A imigração galega na Bahia**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1983.

AMOEDO, Argentino San Roman. Associação Cultural Hispano-Galega Caballeros de Santiago. **Cadernos de Literatura**, Salvador, ano IX, n.18, p. 28-29, jan./jun. 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – **Equipamento Urbano NBR 9284**. Brasília: ABNT, 2008.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL CABALLEROS DE SANTIAGO. **Boletim informativo de agosto de 2008 a agosto de 2009**. Salvador, 2009.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL CABALLEROS DE SANTIAGO. **Boletim informativo de agosto de 2009 a agosto de 2010**. Salvador, 2010.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL CABALLEROS DE SANTIAGO. **Boletim informativo de agosto de 2010 a agosto de 2011**. Salvador, 2011.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL HISPANO-GALEGA CABALLEROS DE SANTIAGO. **História**. Apresenta parte da história da instituição. Disponível em: < <http://www.caballeros.com.br/sobre.cfm>>. Acesso em: 17 setembro 2010.

BACELAR, Jeferson. **Galegos no Paraíso Racial**. Salvador: Ianamá/CEAO/CED, 1994.

BACELAR, Jeferson. **Álbum de imigrantes galegos: memória visual da presença galega na Bahia**. Salvador: Livraria Universitária, 1997.

BRAGA, Célia Maria Leal. **Memórias de Imigrantes Galegos**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Espacialidades e temporalidades da presença galega na cidade de Salvador**. Revista do Departamento de Geografia, 19 (2006) 9 – 19.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografias da presença galega na cidade da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira; PEREIRA, Gilberto Corso; ALMEIDA, Paulo Henrique de, et al. **Como anda Salvador**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Lavola, 1992.

HOSPITAL ESPANHOL. **Hospital Espanhol**. Apresenta informações sobre a história da instituição. Disponível em: <<http://www.hospitalespanhol.com.br/>>. Acesso em: 03 agosto 2010.

HOSPITAL PORTUGUÊS. **O Hospital Português**. Apresenta informações sobre a história da instituição. Disponível em: <<http://www.hportugues.com.br/>>. Acesso em: 04 agosto 2010.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. **O Instituto Histórico**. Apresenta informações sobre as sedes e história do Instituto. Disponível em: <<http://www.ighb.org.br/www/site2/ighb.asp>>. Acesso em: 23 agosto 2010.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. **Acervo**. Apresenta informações sobre os acervos encontrados no Instituto. Disponível em: <<http://www.ighb.org.br/www/site2/acervo.asp>>. Acesso em: 23 agosto 2010.

LEIRA, Lois Pérez. **Galegos na Bahia de todos os santos**. Vigo: Gráficas Numen, 2002.

LEME, Maria Cristina da Silva; FERNANDES, Ana; SAMPAIO, Antonio Heliodório Lima; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras, et al. **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ. **Boletim informativo**. Edição Especial, número 11, Salvador: Gráfica Mundo Plano, 2010.

PATARRA, Neide Lopes; VAINER, Carlos B., et al. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. 2. Ed. São Paulo: FNUAP, 1995.

REAL SOCIEDADE ESPANHOLA DE BENEFICÊNCIA. **115 anos promovendo saúde. Publicação comemorativa 1885-2000**. Salvador: Gráfica Trio, 2000.

SAMPAIO, Antonio Heliodório Lima. **Forma Urbana: cidade-real & cidade-ideal**. 1998. Tese de doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SANTANA, Charles D' Almeida. **Linguagens urbanas, memórias da cidade. Vivências e imagens de Salvador de migrantes.** Salvador: ANNABLUME, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, **Evolução física de Salvador**, Edição especial, Faculdade de Arquitetura, Centro de Estudos de Arquitetura na Bahia, Fundação Gregório de Mattos. Salvador: Pallotti, 1998.

VILELA, Túlio. Navios torpedeados e declaração de guerra. **UOL**. Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/brasil-na-segunda-guerra-terror-no-atlantico.jhtm>>. Acesso em: 20 agosto 2011.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Caramuru**. Apresenta informações sobre Caramurú. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caramuru>>. Acesso em: 05 agosto 2010.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Pituba (Salvador)**. Apresenta informações sobre o bairro da Pituba e sua história. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Pituba_%28Salvador%29>. Acesso em: 20 setembro 2010.